

foto-cine



SEPARAÇÃO DE TONS

HIPERFOCAL A CÉU ABERTO

FESTIVAL BANDEIRANTE DE CINEMA

A ESTÉTICA ÍNTIMA DAS PLANTAS

EM BUSCA DE NOVAS DIMENSÕES

Vol. XIV N.º 164

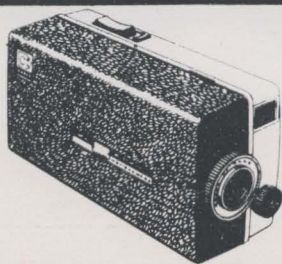
Agosto - Setembro / 68

OLYMPUS

NÃO É PRECISO MUITO PARA SE FAZER CINEMA a CÔRES EM CASA



VOCÊ PRECISA DE APENAS:



um filmador KODAK INSTAMATIC



um projetor KODAK INSTAMATIC



e o novo filme a cores Kodak
Ektachrome II

que a Kodak já revela
no Brasil, em poucas horas.

CAMARAS

Kodak

FILMES

VISITE SEU REVENDEDOR KODAK AINDA HOJE

SUNPAK

a mais completa linha de
FLASH ELETRÔNICOS



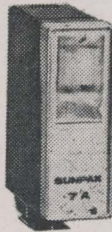
Novo!

SUNPAK 107



(TIPO PROFISSIONAL)

- Fonte de energia: 4 baterias de N.C. recarregáveis ou, corrente de 110-220 v.
- Circuito c/ desligamento automático contra danos nas baterias.
- Potência: 80 watts/seg.



SUNPAK 7A

- Fonte de energia: 4 baterias N.C. ou corrente alternada 110-220 v.
- Posição p/uso: vertical ou horizontal.
- Potência: 50 watts/seg.



SUNPAK DC7

- Fonte de energia: 4 pilhas lapizeira
- Pouco maior que um maço de cigarros
- Capacidade de carga: 100 disparos
- Potência: 40 watts/seg.

SUNPAK 7R

- Um flash revolucionário p/ fotografias científicas ou, p/reproduções.
- Anel adaptável em torno da objetiva e, regulável de 48 a 60 mm. de diâmetro.
- Potência: ajustável para três pontos: 1/4 de força, meia ou força total.
- Ângulo de cobertura: 110°



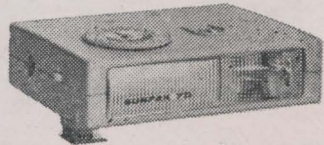
SUNPAK 7DS



(ESPECIAL)

- Fonte de energia: 4 baterias N.C. recarregáveis, ou corrente 110 volts.
- Potência: 50 watts/seg.

SUNPAK 7D



- Fonte de energia: 4 pilhas lapizeira ou corrente 110-220 volts.
- Potência: 50 watts/seg.
- Ângulo de cobertura: 65°

SUNPAK 7S



- Fonte de energia: 4 pilhas lapizeira ou corrente 110 volts.
- Capacidade de carga: 70 disparos
- Potência: 40 watts/seg.



À VENDA
NAS BOAS
CASAS
ESPECIALIZADAS

Distribuidores exclusivos:
COMERCIAL E IMPORTADORA

TROPICAL LTDA.

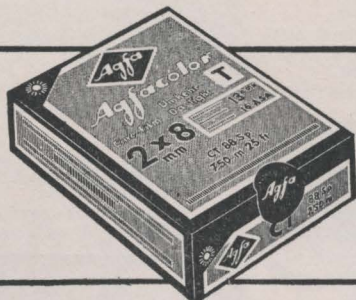
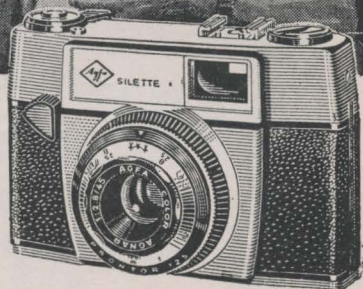
São Paulo • Rio de Janeiro

Boas Fotos com



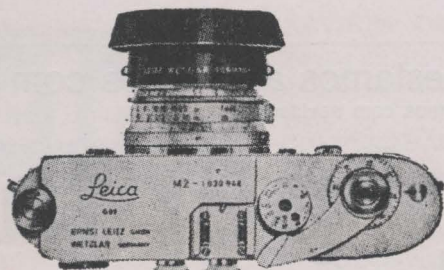
AGFA SILETTE para 35 mm com lente 1:2,8/45

dá prazer fotografar com esta
camara jeitosa de preço popular.
Os filmes Agfa Isopan ISS e
Agfacolor garantem boas fotografias



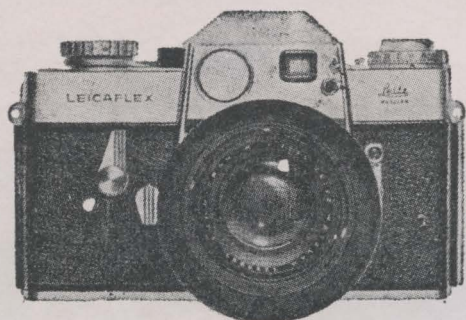
Para seu Filmador:

Agfacolor - reversível CT 88 (16 ASA)
REVELADO NO BRASIL - cores vivas
Maior latitude de exposição, grão fino.



LEICA

V. Sa. pode preferir o sistema de visor telemétrico da LEICA ou o sistema reflex da LEICAFLEX, dependendo das modalidades fotográficas peculiares ao seu caso. Ambas as câmaras vêm da Casa LEITZ e representam o mais alto grau tècnica-mente atingível na óptica e mecânica de precisão.



LEICAFLEX

A CÂMARA REFLEX COM PRECISÃO LEICA

Distribuidores exclusivos:

Microtécnica

INSTRUMENTAL CIENTÍFICO LTDA.

Av. Rio Branco, 277 - G. 1101 - Tels.: 22-4389, 42-1831 e 42-0706
RIO DE JANEIRO - GB

Nós mesmos estamos admirados com essa câmara
(e é difícil nos espantarmos com novidades)

Seu nome:

asahi pentax spotmatic

Novidade: fotômetro embutido que mede a luz através do próprio sistema ótico. Registra exatamente a luz que bate no filme, eliminando a necessidade de compensações. Enfim, se v. está interessado na última palavra em câmaras, procure-

nos. E, como nós, fique também admirado. Pois vale a pena.

- objetiva Super Takumar 1:1, 4/50 mm
- obturador Cortina
- velocidade 1 a 1 000
- syncro para flash comum e MX

- transporte do filme por alavanca
- contador de poses automático e embutido
- disparador automático
- lente cambiável
- diafragma automático



FOTOPTICA

R. Cons. Crispiniano, 49 - R. São Bento, 294
Rua Direita, 85 - Rua Barão de Itapetininga, 200 - Av. Brigadeiro Luís Antônio, 283

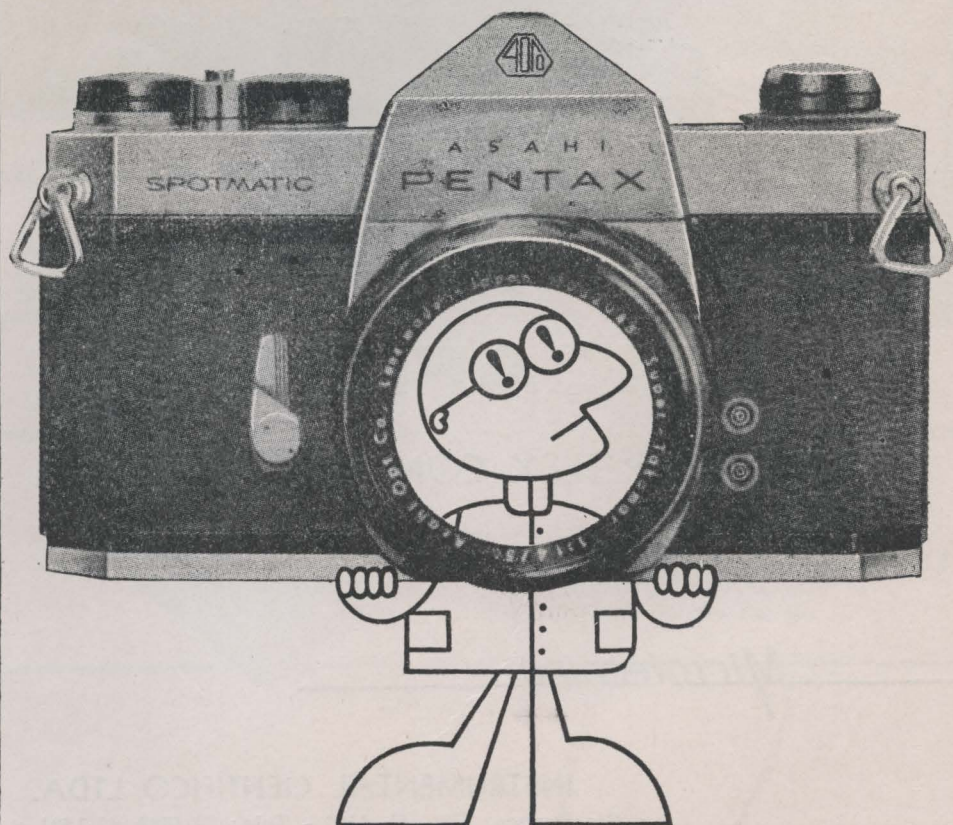


foto-cine

vol. XIV

n.º 164

AGOSTO/SETEMBRO-68

CAPA:

Foto de Herros Capello — FCCB

REVISTA DE FOTOGRAFIA & CINEMA
Órgão oficial do
FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE
e da
CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA
DE FOTOGRAFIA E CINEMA

Diretor Responsável
Dr. Eduardo Salvatore
Diretor de Redação
Plínio Silveira Mendes
Redator
A. Carvalhaes
Publicidade
L. Martins
Fones: 63-5028 - 33 5404

SUMÁRIO

- 7 A NOTA DO MÊS
- 8 EM BUSCA DE NOVAS DIMENSÕES, p/ João Ramalho
- 25 A ESTÉTICA ÍNTIMA DAS PLANTAS, por Guilherme Malfatti
- 15 VAMOS SEPARAR TONS?, por Herros Capello
- 28 A FOTOGRAFIA HIPERFOCAL A CÉU ABERTO, por Pedro Comério
- 37 O FESTIVAL BANDEIRANTE DE CINEMA EXPERIMENTAL LATINO-AMERICANO
- 47 O FESTIVAL DE SAN SEBASTIAN, por Luís Gasca
- 47 O REALISMO DO CINEMA BRITÂNICO, por Roger Manvell
- 49 RENOVAÇÃO DO CINEMA IUGOSLAVO, pela Agência Tanjug

SEÇÕES

- 14 NOVIDADES SOSECAL
- 23 ÚLTIMAS DA ZEISS-VOIGTLANDER
- 32 A PÁGINA DA CONFEDERAÇÃO
- 35 NOTÍCIAS DO BANDEIRANTE
- 50 LIVROS & REVISTAS
- 51 NOTICIOSO KODAK

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE e a CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FOTOGRAFIA E CINEMA receberão com prazer colaboração para esta revista, sendo que as opiniões expendidas em artigos assinados, correm por conta do autor. Toda correspondência deverá ser enviada para a

REDAÇÃO:

Rua Avanhandava, 316
Fone 32-0937
Caixa Postal 8861
SÃO PAULO — BRASIL

Exemplar avulso NCr\$ 1,00
Assinatura (12 núm.) NCr\$ 10,00
Sob registro NCr\$ 12,00
Cadastro Geral de Contribuintes
N.º 61.639.332

Departamento do Imp. de Renda
N.º 91.091

Comp. e impressa na BRESCIA,
GRÁFICA E EDITORA LTDA.
Av. Fagundes Filho, 691 - São
Paulo - Brasil.



PREPARADOS "WERNER"
A GARANTIA
DE BONS SERVIÇOS



A Nota do Mês

Aqui está mais um número de FOTO-CINE.

Acreditamos que o leitor — que há muito acompanha nossa revista — vai gostar desta edição. Ela traz artigos inéditos, especialmente escritos por nossos colaboradores, que agora formam uma equipe internacional.

Além dos brasileiros João Ramalho (em busca de novas dimensões para a fotografia), Guilherme Malfatti (analisando a estética íntima das plantas) e Herros Cappello (ensinando a praticar a "isohelia") — que são três bons companheiros do Foto-Cine Clube Bandeirante — temos também o artigo de Pedro Comério, do Instituto Geográfico e Geológico de São Paulo, que anteriormente, nestas páginas, já nos ensinara a fotografar em cavernas (sua especialidade) e que hoje trata da fotografia hiperfocal a céu aberto.

Do setor de cinema se incumbem Carlos Vieira, diretor do Centro dos Cine-Clubes de São Paulo e A. Carvalhaes, diretor do Departamento Cinematográfico do Foto-Cine Clube Bandeirante, que comentam o Festival Bandeirante de Cinema Experimental Latino-Americano, há pouco realizado em São Paulo.

Vasco Granja volta a escrever de Portugal, enviando notícias e comentários das últimas publicações européias e, estreando em nossas páginas, diretamente da Espanha, Luís Gasca fala do Festival de San Sebastian. Enquanto isto, o inglês Roger Manvell focaliza o realismo do cinema britânico. E a agência Tanjug nos envia da Iugoslávia um panorama da renovação do seu cinema.

Na apresentação de tão variado material, nos esmeramos na paginação e na ilustração. Um esforço que fazemos para honrar a antiga companhia dos nossos prezados leitores e amigos.

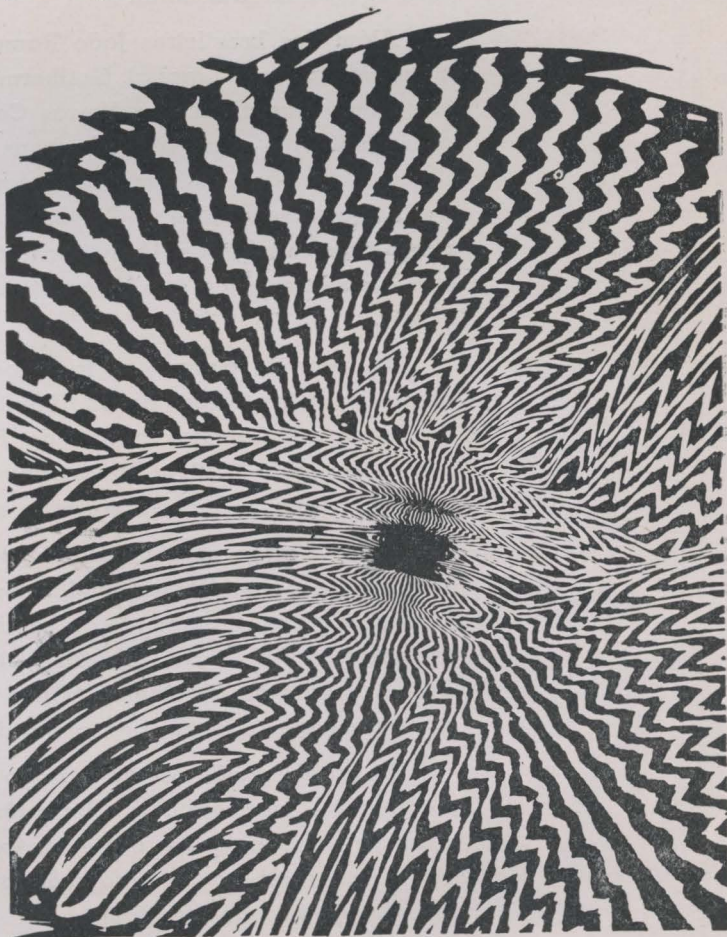
E aguardem no próximo mês, o 26.º Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo.

EM BUSCA DE NOVAS DIMENSÕES

João Ramalho - FCCB

É FORA de dúvida que a fotografia praticada nos foto-clubes de todo o mundo se encontra em nova fase de estagnação, repetindo-se nos temas e nas técnicas há uma dezena de anos.

DEPOIS da pasmaceira do "pictorialismo", com as solarizações de Leopoldo Fischer, as reportagens de Cartier Bresson e as exposições "A Família Humana" e "O que é o Homem?", foram os salões tomados, de um lado, pela coqueluche do "processo" (que grassa por aí, agora invadindo também a fotografia colorida) utilizado indiscriminada e irracionalmente, e de outro lado, pelo "gênero humano" ou "foto-verdade", o mais das vezes simples flagrantes sem qualquer significado maior.



FRANCO GRIGNANI busca na "foto-gráfica" novos veículos de expressão, afirmando que "o imaterial produzido através dos fenômenos mecânicos e químicos da fotografia nos impele na área de uma nova poética". (de Pop. Phot. Ital.).

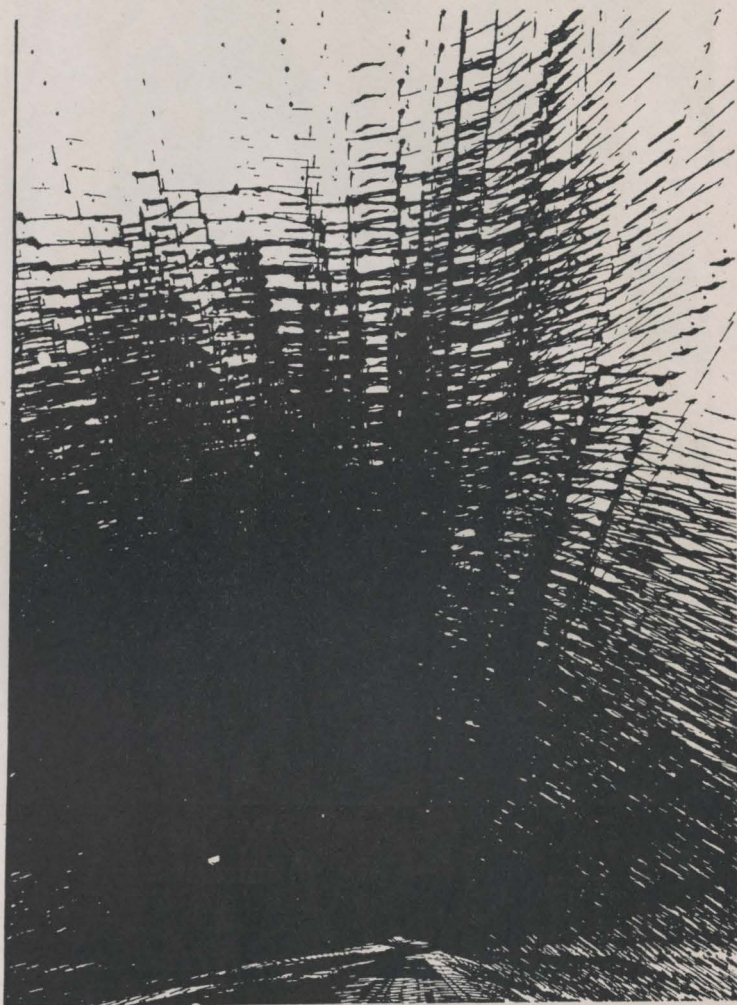


Para EDOARDO PALLAZZI, "as objetivas grande-angulares são ideais em quase tôdas as situações fotográficas porque obrigam a se aproximar do objetivo, acabando por estabelecer uma relação de colaboração direta entre o fotógrafo e a pessoa a ser fotografada. Além disso, facilitam as enquadrações menos banais e ensinam a ver com uma perspectiva nova". (Progr. Fotog.).

BASTA correr os olhos pelos catálogos dos salões internacionais para se verificar que raras, bastante raras, são as fotos que buscam novas formas de expressão, utilizando os múltiplos recursos técnico-físico-químicos que o processo e a indústria fotográfica põem à disposição do fotógrafo, habilitando-o a tirar todos os partidos possíveis do mais extraordinário meio de comunicação visual que é, indiscutivelmente, a fotografia.

A VERDADE é que a foto-arte amadora está caindo novamente no malfadado "salonismo" (de fato, nunca se libertou totalmente dêle) que traz em si, com a conseqüente destruição da inquietação artística, o germen da acomodação gerado pela ambição de ingressar no maior número possível de salões, com a única finalidade de somar pontos nas classificações internas dos clubes ou nas estatísticas fotográficas nacionais e internacionais.

A CRIAÇÃO pessoal, a procura de um estilo próprio, a expressão da própria maneira de ver e sentir, as pesquisas, são então postas de lado, em favor de uma produção capaz de agradar gregos e troianos, isto é, de conquistar o beneplácito dos vários juris.



No campo da pesquisa em branco-e-preto com meios fotográficos, GOTTFRIED JÄGER ocupa posição, sendo considerado uma das mais válidas personalidades da nova fotografia alemã. Em 1966, foi premiado com o "Obelisco" da Photokina por uma série de suas "Lichtgrafiken" (grafia da luz). A sua foto que aqui reproduzimos, faz parte de outra série, a dos "fotogramas".

JULGAM alguns outros, que assim agindo se tornam, mais depressa, conhecidos no mundo fotográfico e, assim, mais facilmente se lhes abrirão, depois, as portas dos salões e exposições mais avançadas. Puro engano! Serão, simplesmente, mais um a engrossar as legiões dos que nada de novo têm a dizer. E, quando, caindo em si, procurarem falar a própria linguagem, encontrarão ouvidos surdos e portas fechadas. Poderíamos citar, só entre nós, inúmeros exemplos. Mas vamos destacar um só e, talvez, o mais expressivo: todos se recordam do grande artista que



A eliminação dos meios tons, acentuou a força expressiva do rosto, sem alterar seus traços fundamentais e sua beleza. Foto de AMEDEO ARDUINO.

foi José Oiticica Filho, de projeção e renome internacional, prematuramente falecido quando atingia a plenitude do seu espírito criador. Enquanto prêso ao academismo da fotografia "pictórica", suas obras ganharam os salões de todo o mundo e foi, sem dúvida, o mais premiado artista-fotógrafo amador brasileiro. Quando, porém, alçou vôos mais altos, quando quiz dizer algo pessoal com as suas inconfundíveis e personalíssimas "recriações" e "derivações", nas quais fazia explender seus conhecimentos técnicos e sua capacidade criadora, suas obras não encontraram mais guarida naquêles salões, com exceção de alguns poucos mais arejados, entre os quais, felizmente, o Salão Internacional de São Paulo, promovido pelo F.C.C. Bandeirante.

A CULPA maior por essa estagnação que criticamos cabe, em grande parte, a êsses juris compostos, em sua maioria, por elementos desatentos ou desconhecedores do que se passa no mundo das artes em geral e que não acompanham nem incentivam (e muito menos aceitam) as pesquisas de novos caminhos, novas dimensões para a arte fotográfica. Simplesmente não as entendem, nem se esforçam por entendê-las, aferrados que estão aos seus preconceitos pessoais. Ou então, para não serem taxados de retrógrados ou reacionários, admitem um ou outro trabalho que, pelo processo empregado, lhes causa maior impacto mas são geralmente vazios de conteúdo. Êsse é o atual panorama geral dos salões de arte fotográfica que proliferam por ai, cada vez em maior número.

FELIZMENTE, artistas-fotógrafos profissionais (impelidos pela concorrência cada vez mais forte) e mesmo amadores há que não se conformam com êste estado de coisas e, isoladamente, estão empenhados em tirar a fotografia do marasmo e do impasse em que se encontra. Se folhearmos as revistas fotográficas de categoria, poderemos distinguir vários exemplos dêste esforço para dar à fotografia novas dimensões. Desde o emprego inteligente e adequado das objetivas "grandes angulares" (não para provocar distorções sem sentido, como simples curiosidades) e das propriedades óticas dos vários outros tipos de objetivas, até a utilização dos efeitos tridimensionais do "op"; ou mesmo os vários processos de laboratório, desde o "grão" nivelador de tonalidades até a extrema simplificação da relação branco-e-prêto; ou as pesquisas de estruturas formais, do espaço, do movimento e dos fenômenos da luz; ou, ainda, buscando no realismo da humanidade a significação e resolução dos seus múltiplos problemas; realizando, enfim, imagens mais dinâmicas, agressivas mesmo, quer sejam figurativas ou não.

PODER-SE-Á gostar ou não de tais fotos. Isso não importa. O que importa é a contribuição positiva que êsses artistas trazem para que a fotografia se torne sempre e cada vez mais **fotografia**, isto é, algo que só a fotografia pode obter.

A TAREFA de fazer com que os praticantes da fotografia alarguem os seus horizontes, sejam incentivados na pesquisa, na criação pessoal ao invés de perseguirem o êxito fácil dos esquemas e temas já exauridos e por isso mesmo banais, cabe principalmente aos orientadores e julgadores dos foto-clubes e aos juris dos salões. Ou êles se renovam e se atualizam, ou a fotografia não terá vez nas grandes exposições de arte. ●

I SALÃO FLUMINENSE DE ARTE FOTOGRAFICA

Promovido pela Sociedade Fotográfica de Nova Friburgo, sob o patrocínio da Confederação Brasileira de Fotografia e Cinema, por ocasião do 150.º aniversário de Nova Friburgo, realizou-se o I Salão Fluminense de Arte Fotográfica.

Concorreram ao mesmo: Clube Foto-Filatélico-Numismático de Volta Redonda, Sociedade Fluminense de Fotografia, Foto Grupo de Niterói, e Foto Grupo Objetiva.

O júri, composto por Ernesto Victor Hamelmann, Cláudio Hideo Kato, Décio Brian, Itamar Silveira e Luís Gonzaga de Carvalho e Silva, conferiu medalhas a H. Fellet e Kleber Feliciano Pinto, da Fluminense; Gunther H. Luderer, do clube de Volta Redonda e Luiz Carlos Brasil Barbosa, do clube de Niterói.

SALÃO DA JUVENTUDE

Organizado por Ernesto Hamelmann, realizou-se o Salão da Juventude Friburguense, com trabalhos tendo por modelos moças locais. A título de conagração, foram convidados a expor trabalhos os conhecidos amadores José Lambert, da ABAF; Paulo Pires da Silva, do Iris de São Carlos e A. Spanó Neto, do Cine-Foto Clube de Ribeirão Preto.

MAIS UM SALÃO INTERNACIONAL

A Sociedade Fotográfica Nova Friburgo está preparando o V Salão Internacional de Arte Fotográfica, com trabalhos em prêto-e-branco e a côres (colours prints), marcado para maio de 1969. As inscrições encerram-se a 30 de abril de 1969, sendo expedidos os respectivos convites.

SALÃO DE SÃO LEOPOLDO

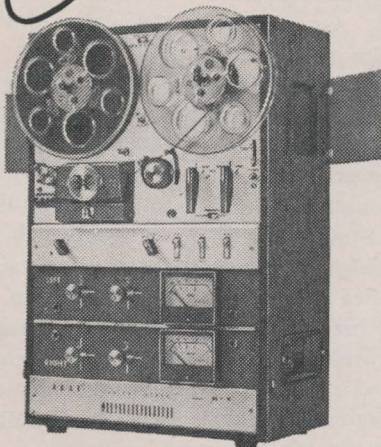
O Cine-Foto Clube de São Leopoldo realizou seu I Salão Nacional de Arte Fotográfica. Ganham prêmios: Foto-Cine Clube Bandeirante (melhor clube representado), Néelson Peterlini, do FCCB (medalha de ouro), Ramiro G. Sápiras, do clube promotor (medalha de prata), Yoshio Takeda, do Liberdade Foto-Cine Clube.

Menções honrosas foram conferidas a: Antônio Calino e Gunther Luderer (CFNVR), Eugênio Vidigal Amaro (FCMG), Paulo Pires da Silva (IFG), Shimeo Tomazaki e Shinpei Muto (LFCC).

SOM MEM

NOVO GRAVADOR
AKAI M-9

SOM maior!



Veja as características do AKAI M-9.

4 pistas para perfeita gravação e reprodução em estéreo ou monaural • 3 cabeças magnéticas, no sistema "campo cruzado" (cross field), exclusividade AKAI.

Amplificador integralmente transistorizado.

Potência de 40 watts saída (20 por canal).
4 velocidades: 1 7/8, 3 3/4, 7 1/3 e 15 • Resposta de frequência 30 a 23.000 cps. • Som sobre som. Funciona em 110/220 V. • 50/60 ciclos. Desligamento automático. • Acabamento externo em madeira - 2 caixas acústicas.

Deslocamento automático da fita, eliminando o atrito das cabeças de som, quando do avanço rápido ou retrocesso da mesma.

Só mesmo quem entende muito de som poderia reunir tantos aperfeiçoamentos técnicos notáveis num só gravador: o AKAI M-9.

À venda nas melhores casas especializadas

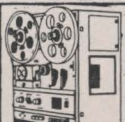
AKAI
sabe tudo
sobre som
SÓ FABRICA GRAVADORES



Modelo
3.000D



Modelo
1.710W



Modelo
X-1.800SD

Distribuidores exclusivos para o Brasil
**COMERCIAL E IMPORTADORA
TROPICAL LTDA.**

São Paulo
Rio de Janeiro

GARANTIA
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
PEÇAS DE REPOSIÇÃO

A eletrônica aplicada na construção de câmaras

Graças à pesquisa espacial, são muitos os inventos novos aplicados nos foguetes, satélites, cápsulas, etc. São novas ligas metálicas, baterias solares e equipamentos eletrônicos criados especificamente para suportar condições extra-terrestres, tais como, vácuo, ausência de peso, temperatura muito alta ou muito baixa, atritos, choques, etc. Destas invenções, algumas são aproveitadas para a indústria comum de utilidades, melhorando o padrão de um sem número de artigos. Especificamente no campo da fotografia, temos a registrar a aplicação de um desses novos inventos, ou seja o "circuito integrado", que nada mais é que um minúsculo circuito eletrônico impresso dentro de um invólucro plástico, que torna os componentes eletrônicos totalmente imunes a choques, umidade, oxidação e outros inimigos naturais destas delicadas pecinhas.

A **Yashica**, pioneira na construção de câmaras fotográficas no Japão, que já deu tantos passos pioneiros e decisivos para o melhoramento das câmaras fotográficas, utiliza este "circuito integrado" para substituir toda a técnica de medição de luz usada até aqui. Todas as câmaras que possuem fotômetro embutido, acoplado diretamente ou não,

têm como base uma célula fotoelétrica. Os impulsos elétricos gerados pela incidência de luz sobre a foto célula, são aproveitados para movimentar uma bobina que por sua vez, aciona um ponteiro que indicará a exposição correta. Acontece que estas bobinas eram fabricadas com um fio (cabelo) extra fino, com diâmetro de milésimos de milímetro, estando sujeitos a romper-se ao menor choque ou mesmo com uma brusca mudança de temperatura. Eram pois frequentes os danos nesta parte das câmaras fotográficas. Houve por bem a **Yashica**, embutir um "circuito integrado", para substituir de uma vez por todas o fotômetro tradicional. Os impulsos elétricos gerados pela fotocélula são amplificados pelo "circuito", que não mais movimentava um ponteiro, mas simplesmente acende duas luzes sendo uma na faixa de sobre-exposição e outra na faixa da sub-exposição. Na prática, isto significa que, se nenhuma dessas luzes acender, a exposição estará correta. Caso contrário, giram-se os anéis de diafragma ou tempo até que a posição ideal seja alcançada. Não se tratam porém de câmaras automáticas, ficando a escolha de abertura de velocidade ao livre arbítrio do fotógrafo. As câmaras

assim construídas podem cair no chão sem que o mínimo dano seja causado ao mecanismo do fotômetro. A umidade o calor e o frio excessivo, também não afetam esse mecanismo. É pois mais um grande passo que a **Yashica** dá para o aperfeiçoamento da técnica de construção de câmaras fotográficas.

O mesmo "circuito integrado, foi aproveitado nas filmadoras **Yashica**, somente que neste caso o Circuito utiliza a eletricidade amplificada, gerada, pela incidência da luz sobre a foto-célula, para automaticamente fechar e abrir o diafragma de acordo com as condições de luz. Desta forma, este automatismo não só funciona com maior precisão como também, estas modificações automáticas são instantâneas e mesmo a passagem de uma área muito clara para uma área muito escura, não é notada pelo espectador. O filme estará sempre perfeitamente exposto. Por enquanto, existem apenas duas câmaras fotográficas com este melhoramento, ou seja a **LYNX 5000-E** e a **LYNX 14-E** e dois filmadores, o **Super 40-E** e **Super 60-E**, mas, para o futuro, é de esperar-se que toda a linha **Yashica** incorporará este sensacional melhoramento.

VAMOS SEPARAR TONS?

HERROS CAPPELO EFIAP - FCCB



HOJE, na fotografia em branco e preto, a «isohelia», também conhecida por «separação de tons», não constitui nenhuma novidade. Todos os livros de técnica fotográfica a descrevem e tôdas as revistas de fotografia já a publicaram pelo menos uma vez. No entretanto, comumente se ouve dizer que êste processo, além de execução difícil, oferece resultados imprevisíveis e que só por acaso se consegue efeitos considerados bons ou aproveitáveis.

Nada mais inverídico.

Êste processo, quando executado com a técnica adequada e com os cuidados que todo trabalho fotográfico exige, dá resultados surpreendentes, resultados êsses passíveis mesmo de serem pré-estabelecidos.

O trabalho ordenado e as operações intermediárias meticulosamente executadas são os seus pontos mais importantes.

O QUE É «ISOHELIA»

A «isohelia», ou separação de tons, como seu próprio nome indica, tem como princípio básico exclusivo, a diminuição da gama de cinza de um negativo branco e preto. Tal diminuição dá como resultado o aparecimento de áreas maiores ou menores de tonalidade uniforme. Pode-se,



NEGATIVO ORIGINAL

assim, obter dois ou mais tons perfeitamente delimitados, entre o branco e o preto.

Em nossos ensaios de laboratório fotográfico praticamos diversas modalidades de sua técnica e optamos pela que vai descrita, uma vez que se apresentou de relativa simplicidade desde que executada com absoluto ordenamento e sem pressa. E também porque, ao invés do «sandwich» ou das múltiplas exposições com os negativos de cada tom, obtemos, ao final, um único negativo que já traz em si a separação de tons predeterminada. Vantagem apreciável, que nos permitirá fazer a ampliação final sem maiores problemas.

É aconselhável obter-se previamente, de um negativo branco e preto, ou mesmo de um diapositivo colorido, uma cópia consideravelmente mais escura do que a normal, em filme gráfico ou mesmo em papel duro, que tenha alto contraste, sem contudo perder a definição nem o detalhe que se necessita na cópia. Facilita o trabalho, também, usar-se o formato 6x9 ou maior, o que equivale a dizer que um original 35 milímetros deve ser ampliado, aproveitando-se esta oportunidade para se estabelecer já o corte desejado, o qual deverá ocupar o máximo da área do retângulo (fig. 1).

Como característica inicial do método, o negativo selecionado deve receber um sistema de registro tal que facilite tanto quanto possível a superposição ideal dos vários negativos, uma vez que ele permite facilmente o ajuste final. Tais perfurações serão feitas nas margens ou em regiões inaproveitáveis do negativo escolhido (fig. 1, a).



FIGURA 1



FIGURA 1-A

ATENÇÃO: Todo material sensível, mesmo o filme, quando manipulado, tem tendência a se dilatar mais num sentido que noutro. E de toda conveniência, então, que seja manipulado sempre no mesmo sentido para que as possíveis variações também se façam nesse mesmo sentido.

Feitas estas considerações, passemos ao processo propriamente dito, o qual, para facilidade de explanação, poderá ser subdividido em quatro estágios.

PRIMEIRO ESTÁGIO: Do negativo original, previamente selecionado e já com os registros

marginais, será tirada uma série de cópias, no mínimo quatro, em papel fotográfico de alto contraste e de peso simples. Usamos o Kodabromide F 4. Cada cópia deverá receber tempo de exposição diferente uma da outra, ou seja, tempos de exposição variáveis como numa progressão geométrica (por ex.: 1 — 2 — 4 — 8 segundos). Todas essas cópias deverão ser reveladas ao mesmo tempo, durante dois minutos, em revelador de efeitos contrastados, como é o Agfa 108. Lavar, fixar, lavar novamente e secar. Estas últimas operações não necessitam de rigor absoluto, uma vez que os três primeiros estágios representam somente fases intermediárias do processo, pois será só aproveitado o negativo final, obtido em filme e não em papel.

Aqui termina o primeiro estágio.

É fácil de se entender que as cópias assim obtidas se apresentarão com contrastes diferentes, desde que receberam exposição de luz com tempos variáveis. A primeira, a de tempo mais curto, deverá registrar apenas as sombras, enquanto que a de tempo mais longo deverá registrar somente as altas luzes (ver série 2).

SEGUNDO ESTÁGIO: Por contato, gelatina, contra gelatina usando o mesmo tipo de papel, copiamos, os positivos obtidos no primeiro estágio. O tempo de exposição, **agora igual para todas**, será aquele capaz de oferecer cópias corretas. Em nossos ensaios, esse tempo foi de três segundos, usando-se no ampliador lâmpada de 200 watts e lente com abertura f.8. A revelação deve seguir a mesma técnica usada no primeiro estágio, isto é, dois minutos de revelação e todas ao mesmo tempo. Serão assim obtidas agora **cópias negativas em papel, também com contrastes diferentes**, desde o branco puro até o preto absoluto. Fixadas, lavadas e secas, termina o segundo estágio (ver série 3).

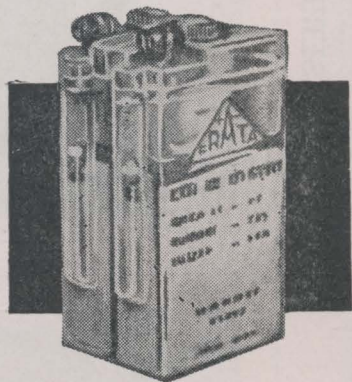
TERCEIRO ESTÁGIO: As cópias negativas em papel originadas do segundo estágio, serão agora copiadas, também por contato, **em filme de alto contraste e não em papel**, como na técnica original. Para este estágio foi usado filme de baixa sensibilidade e alto contraste, como o Ilford-line 5.50. Este material devido às suas características, facilita sobremaneira o trabalho na câmara escura, pois pode ser manipulado com

para flash
eletrônico

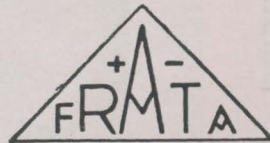
BATERIA FRATA

4 v - 3 a/hs

Excelência em qualidade. Eficiência comprovada pelos melhores profissionais do país.



- econômica
- mais disparos por carga
- tropicalizada, para maior durabilidade



Use carregador FRATA e sua
bateria terá vida mais longa

Caixa Postal, 4870
São Paulo

SÉRIE 1

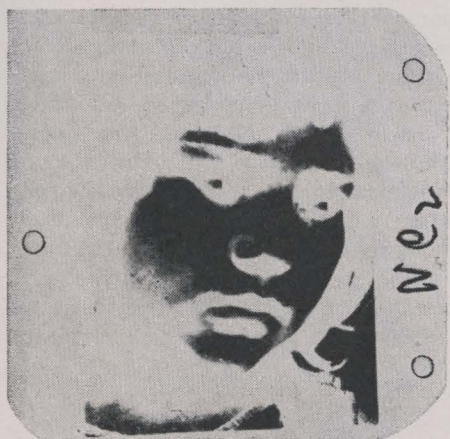


SÉRIE 2



SÉRIE 3





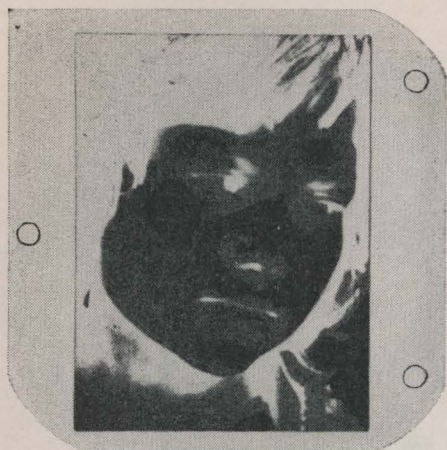


FIGURA 5



FIGURA 6

RESULTADO FINAL:
"ISOHELIA"

filtro de segurança. Com tempo de exposição semelhante ao indicado no segundo estágio, porém, reduzido, uma vez que o filme é mais sensível que o papel, serão obtidos agora vários diapositivos, com contrastes absolutamente diferentes. Revelados todos ao mesmo tempo, fixados e bem lavados deverão ser secos em ambiente arejado e livre de poeira (ver série 3).

Aqui termina o terceiro estágio.

QUARTO ESTAGIO: Com os diapositivos obtidos no terceiro estágio, será executado o último, mais delicado e mais importante do processo, uma vez que a escolha desses diapositivos finais dependerão da sensibilidade e do gosto artístico do fotógrafo.

Selecionados os diapositivos, serão copiados, também por contato, em registro perfeito através das perfurações, um a um, no mesmo fragmento de filme idêntico de oferecer um negativo de densidade normal, deverá ser fracionado de acordo com o número de diapositivos empregados. Para dois diapositivos usar para cada um, metade da exposição total. Para três diapositivos usar um terço e assim sucessivamente. O resultado final será um único negativo (não uma série para serem usados como «sandwich») com os tons perfeitamente separados. Este negativo fornecerá a cópia ou ampliação definitiva (fig. 5 e 6).

RESUMO

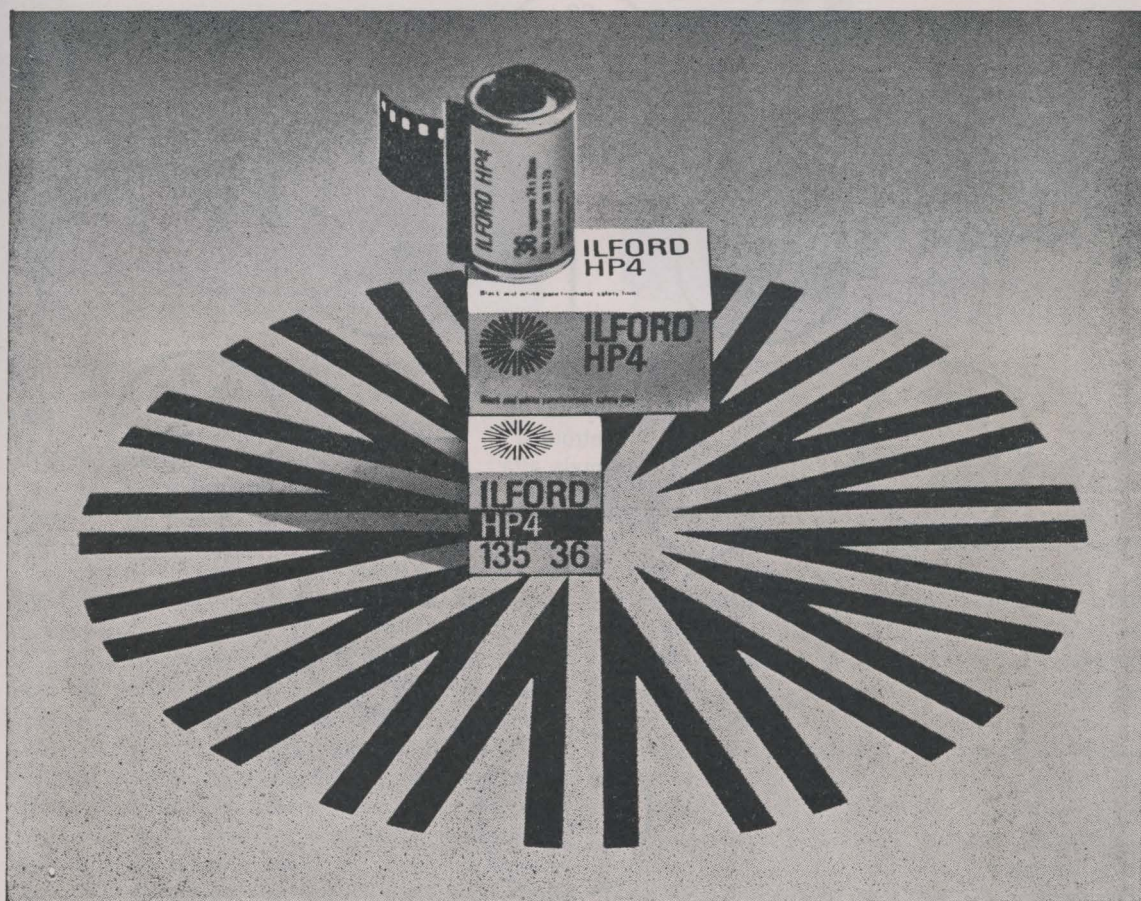
Nenhum detalhe deverá ser esquecido.

- 1.º estágio — Copiar em papel duro. Exposição aumentada em progressão geométrica. Revelar dois minutos. Cópias positivas.
- 2.º estágio — Cópias negativas em papel. Exposição igual para todas. Revelação também igual.
- 3.º estágio — Cópias em filme de baixa sensibilidade (diapositivos). Exposição e revelação iguais.
- 4.º estágio — Cópias no mesmo filme, dos diapositivos escolhidos, com tempo de exposição fracionado.
Copiar ou ampliar.

ILFORD

HP 4

O FILME QUE ALIA UM GRÃO EXTREMAMENTE
FINO A UMA ABSOLUTA FIDELIDADE
NA REPRODUÇÃO DAS CÔRES



400/650 ASA - 27/29 DIN

Distribuidores:

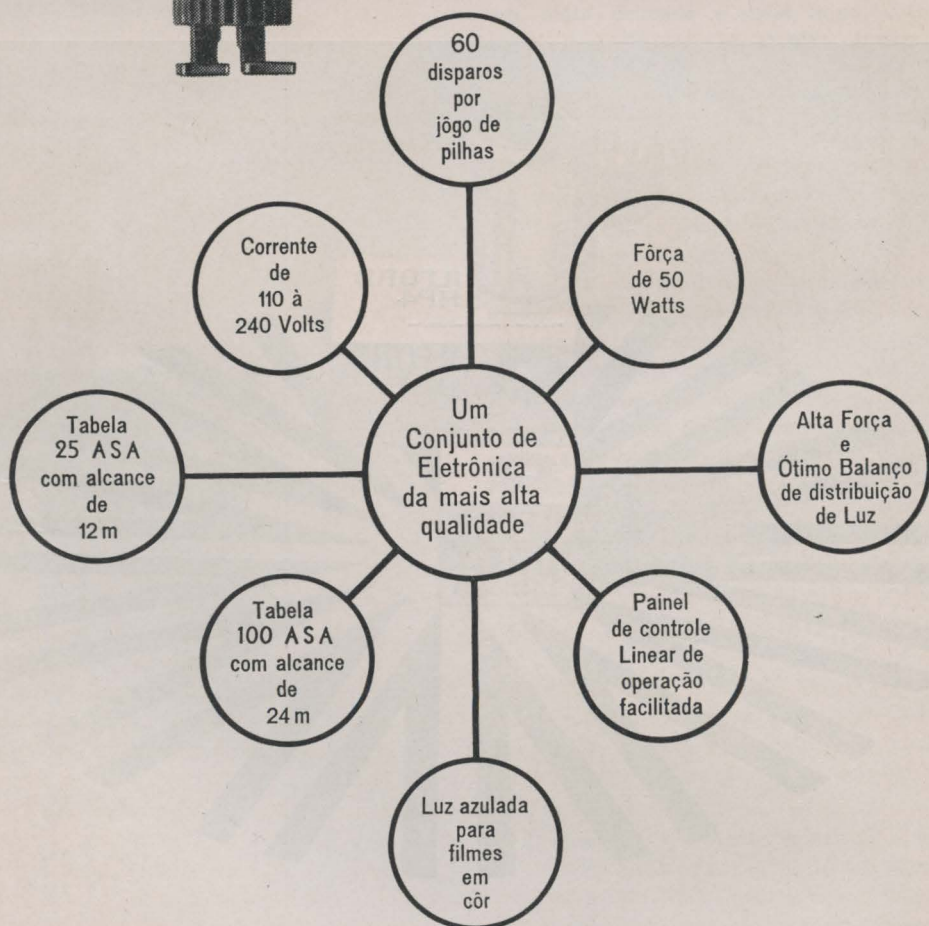
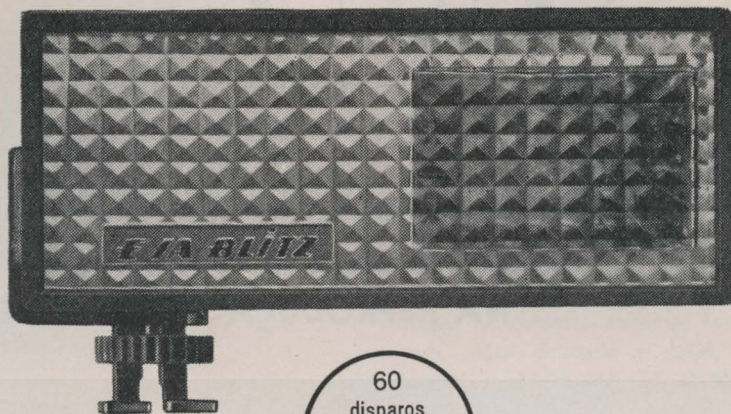
SANIBRAS

SOCIEDADE ANÔNIMA IMPORTADORA BRASILEIRA

SÃO PAULO
Rua 24 de Maio, 207 - 6.º - conj. 61
Tel.: 35-8060

RIO DE JANEIRO
Rua da Alfândega, 145
Tel.: 43-2107

FLASH *EVA-BLITZ*



Material Fotográfico
Cinematográfico
Gravadores

Imprel

Importadora Comercial Ltda.



ESCRITÓRIO CENTRAL:

RUA URUGUAIANA, 55 - 6.º andar - Gr. 616/20

TELEFONES: 23 33-42, 43-1922 e 43-4341

RIO DE JANEIRO — GUANABARA

Enderêço Telegráfico: IMPREFOTO — GB.

RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 50 S/414

TELEFONE: 37-4314

SÃO PAULO — SÃO PAULO

Enderêço Telegráfico: FOTOIMPREL — SP.

AS ÚLTIMAS DA

**ZEISS IKON
VOIGTLÄNDER**

Duas novas câmaras populares



Zeiss Ikon-Voigtlander lançaram duas novas câmaras para chassis 126. São a Vitessa 126 CS e a Vitessa 126 Eletronic, ambos modelos de forma compacta e aspecto elegante.

A Vitessa 126 CS vem com tempos de exposição de 1/125 e 1/40, para poder fotografar com sol brilhante e em condições de luz pouco favoráveis. O visor é dotado de compensador de paralaxe para as distâncias curtas.

Uma fotoresistência CdS controla o indicador de exposição no visor e previne contra exposições errôneas. Uma flexa se ilumina no visor se as condições de luz não são adequadas para o tempo de 1/125. Ao apertar a tecla, o obturador muda para 1/40. Se ainda assim a luz não for suficiente, a flexa indica que se deveria usar um flash. Um condensador para flash vem incorporado à máquina com automatismo de rotação para cubos flash.

DADOS TÉCNICOS — Objetiva Voigtar 44 mm, de dois elementos e de vidros de primeira qualidade e inteiramente compensados. Foco com símbolo para grupos de 1,5 a 5 metros de distância; símbolo para paisagem de 5 metros ao infinito e graduação da objetiva interna.

Obturador Prontor, de dois tempos (1/125 e 1/40 de segundo). Indicador de exposição controlado eletronicamente no visor, com alcance para filmes de sensibilidade 18 a 26 DIN. Dispositivo para flash. Pequenas dimensões, 300 gramas de peso.

A Vitessa 126 Eletronic é de fácil manêjo e alta precisão na exposição, graças ao controle eletrônico e automático de tempos, de 1/300 a 10 segundos. Os valores de diafragma 11 ou 6,3 são pré-selecionados segundo as condições reinantes, possibilitando fotos expostas corretamente, mesmo ao crepúsculo ou de noite.

DADOS TÉCNICOS — Objetiva Novar 6,3/40 mm. Foco com símbolo para grupos, de 1,5 a 5 metros de distância e símbolo para paisagem de 5 metros ao infinito. Obturador Prontor 300 Eletronic, 1/300 a 10 segundos, com formação eletrônica contínua de tempos por intermédio de uma fotoresistência CdS. Dispositivo para flash com condensador incorporado para automatismo de rotação de cubos flash. Pequenas dimensões e 320 gramas de peso.

Para ambas as câmaras existem acessórios, como filtros, para-sol, etc. ●

A ALTA QUALIDADE ÓTICA de suas objetivas, e sua excepcional construção adaptável para todos os fins, a um preço relativamente baixo, fazem da ICAREX 35 a vantagem de uma compra ideal. Trata-se de uma câmara reflex com objetivas e visores cambiáveis e uma vasta linha de acessórios para macrofotografia, fotomicrografia e reproduções.



Icarex 35

Obturador de cortina até 1/1000 seg., espelho retrovisor, visores cambiáveis (lupa, prismático e fotômetro CDS), placas cambiáveis para o visor. Sistema de baioneta para objetivas Zeiss de 35 a 135 mm. Tele-objetivas até 400 mm.

do programa de ouro

ZEISS IKON
VOIGTLÄNDER
porque sua objetiva é uma maravilha

REPRESENTANTES NO BRASIL:

CARL ZEISS - CIA. ÓTICA E MECÂNICA
Rua Debret, 23 - 14.º andar, grupo 1.408
Telefones: 52-01-46 — 22-01-34
RIO DE JANEIRO - GB

OPTICON IMPORTADORA S/A
Rua Teodoro Sampaio, 417 - 5.º and.
Telefone: 80-9128
SÃO PAULO - SP



A estética íntima das plantas

Texto e Foto de
GUILHERME MALFATTI — FCCB

EM 1948, na cidade de Munique, Alemanha, apareceu um livro todo ilustrado, em branco-e-preto, contendo todos os valores estéticos das plantas campestres do sul da Alemanha. Esse livro foi o fruto de um longo e cuidadoso trabalho realizado durante a guerra, e ainda publicado com o visto governamental. Seus autores foram o Dr. Paul Wolff, médico, o Sr. Alfred Tritschler, que tinha sido operador cinematográfico da UFA e especialista em iluminação, e o Dr. Erich Walch, um botânico amador, apaixonado pelas pequenas plantas, com o brôto da primavera e as suas flôres, e os insetos vivos e alegres no seu "habitat". O título do livro é "Caminho Ensolado" e, realmente, a grande lição básica para quase todos os seus efeitos foi o próprio sol, que não deixou de aparecer em seus aspectos matinais. Notamos ainda que o problema de estilo e época, antigo ou moderno, foi relegado e as fotos se apresentaram completamente baseadas na expressão própria da planta, surpreendida quase no seu processo íntimo de crescimento. Todos os recursos técnicos normais foram utilizados e para o perfeito rendimento do claro-escuro muito contribuiu uma iluminação ideal aliada a um revelador compensado.

Anos depois, apareceu outro notável álbum, em cores, contendo tôdas as flôres dos Alpes, maravilhosamente bem impresso e com um texto igualmente entusiástico e inspirador.

COMPOSIÇÃO

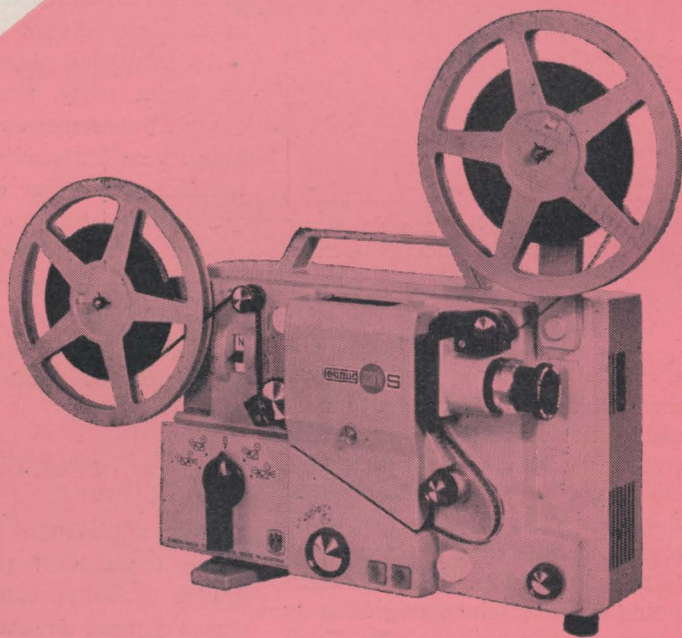
Portanto, a pequena exposição que realizamos no F. C. C. Bandeirante, e os "slides" projetados, não são mais do que uma linha paralela ao que já foi feito. A primeira idéia foi realizar a composição independentemente do céu e da terra; consideramos o cenário como um ambiente espacial em miniatura e vários dos trabalhos apresentados foram executados, por assim dizer, dentro das plantas. Para isso, utilizamos, em maior parte, uma câmara Olympus-Pen e quando precisamos de maior aproximação, adaptamos uma lente adicional própria. Utilizamos, também, uma Exa, com objetiva de 100 mm, que já tinha tubo de extensão incorporado e, naturalmente, o fotômetro. Os filtros também tiveram uma boa parte da responsabilidade nos efeitos mais fortes e, ainda, a revelação, para a qual empregamos uma derivação progressiva da fórmula de Beutler.

ORIGINALIDADE

Procuramos fugir das plantas e motivos já muito explorados; por outro lado, deixamos muitos e muitos campos a serem explorados. Quase sempre evitamos as flôres, procurando captar alguma coisa do que significaria, p. ex., para uma abelha, uma grande sala onde as paredes seriam as fôlhas, e o pavimento, galhos no espaço. Somos grandes demais (em tamanho) para esse belíssimo e extraordinário mundo dos insetos, cuja decoração está cheia de verdadeira genialidade! Quando os egípcios fizeram o primeiro capitel com a fôlha da palmeira, ainda estavam muito longe desta nossa era, em que vamos procurar a estética em tudo o que a natureza e a ciência produzem. Haja visto, por exemplo, as fôlhas de manchas multicolôres e desenhos os mais inimagináveis dos "Crotons", ou a pintura dos musgos nos troncos, formando padrões e composições abstratas com uma sutileza inacreditável, dando-nos uma impressão colorida que é uma verdadeira lição de combinação de tons e cores também inimitáveis.

CINEMA é

O MAIOR NOME EM FILMADOR

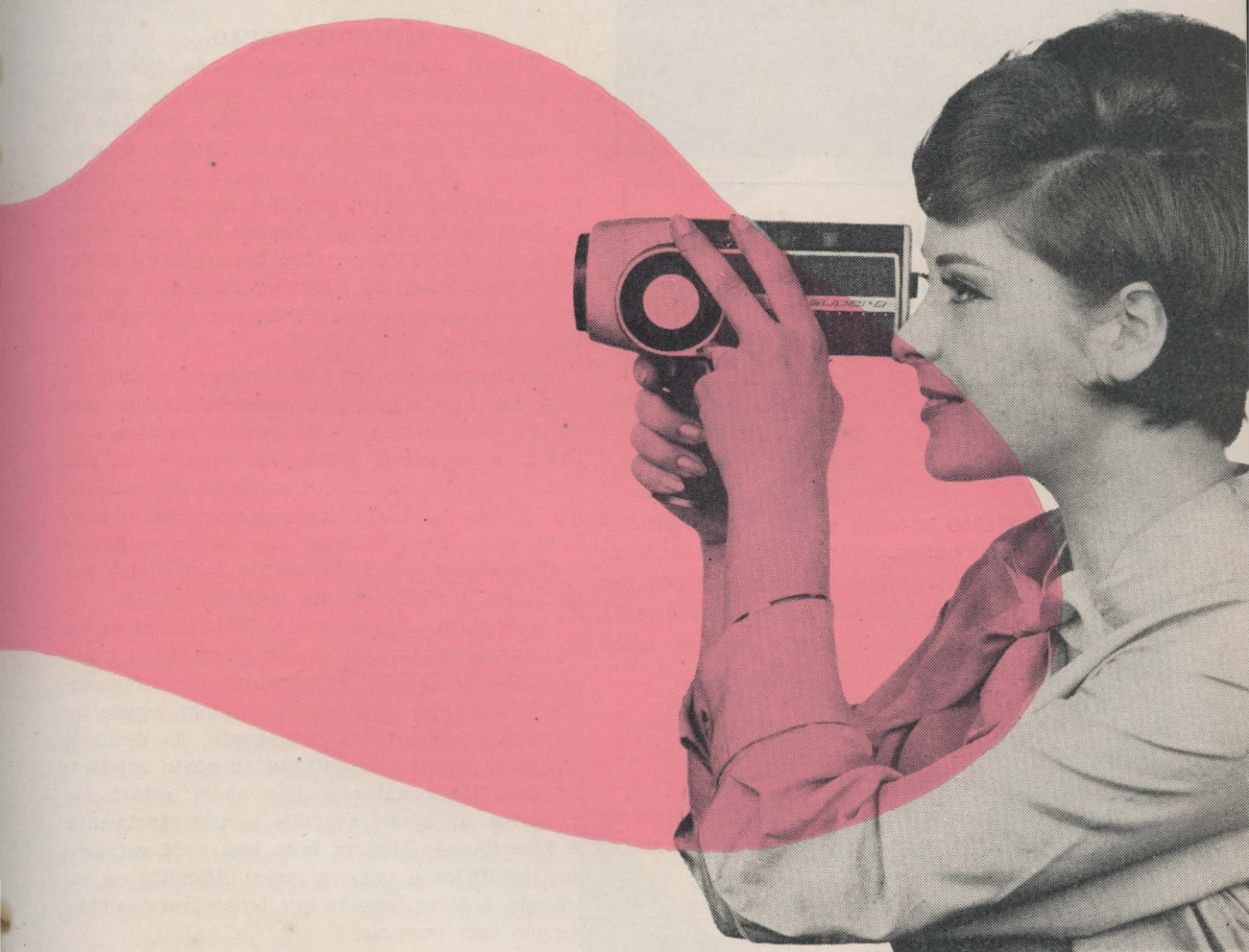


PROJETOR **MARK-S**
(8 ou SUPER-8)

SONORO, FIXAGEM AUTOMÁTICA
DE FALA E MÚSICA, VOLUME
AUTOMÁTICO, LAMPADA HALÓ-
GENA ULTRA-CLARA

com **eumig**

ES E PROJETORES DE 8 MM



Distribuidor Exclusivo Para Todo o Brasil

SOSECAL

Comércio e Importação S.A.

SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO

RECIFE



A fotografia hiperfocal a céu aberto

PEDRO COMÉRIO
do Instituto Geográfico e
Geológico de São Paulo

EM NÚMERO anterior a este, nos foi ensinado a inserir um modesto trabalho, escrutinando o sistema mais eficiente usado por nós nas tomadas para fotoespeleologia, com hiperfocação da câmera, e com a limitação de uma única fonte lumínica.

Na ocasião, manifestamos o propósito de difundir o mesmo processo, porém a céu aberto, e com outros valores «tempo», tanto para paisagismo de acurado enquadramento, ou mesmo instantâneos de cenas com pessoas, ou ainda, conjugando ambos num só fotograma, com o primeiro plano ocupado por intencionais e preconcebidos aspectos ordenados de «destaque».

Essa modalidade tem atendido plenamente a contento as finalidades pedagógicas especificando quando se faz necessário material visual-demonstrativo, de diversificada temática, seja geologia de superfície, aspecto tectônico terreal, geografia, topologia e dioramas fisiográficos escalonados, onde o trabalho em côr se requinta com o efeito extraordinário da nitidez de foco que se manifesta impressivo desde a curta distância de seis pés adiante da objetiva e vai à longínqua linha de confinamento do horizonte.

Hiperfocal: luz difusa sem sol. Abertura 16 (foco). Tambor: 16 pés. Veloc. Verichrome Pan, 125 ASA. A água, a árvore e a passarela estão entre 1,80 e 5 metros, ao passo que a casa se acha além de 25. Negativo inteiramente positivado (sem corte).

A HIPERFOCAÇÃO

Alguns respeitáveis «cobras» da arte fotográfica (no setor amador) julgam ter noções, «instintivas» ou resultantes de um atribulado tirocinio, pois não ignoram que é lei ótica o aglutinamento focal quando se usa a menor abertura numa exposição; porém a hiperfocação não é apenas isso, pósto que implica na consonância rígida de dois fatores: foco e relação ao deslocamento telemétrico previsto, anulando a colimação da imagem visualizada por e através da telemetria.

Todavia, como isto não ostenta aleives de uma tese injuncional, não pretende concitar, sim porém — e apenas — oferecer o «modus operandi» e sugerir a prática da experiência, não somente aos catedráticos sofistas da matéria, que podem ministrar ensinamentos muito mais complexos, como também aos menos agigantados amadores, ponderavelmente adentrados nos meandros tecnológicos da arte fotográfica.

Fotografar com o recurso inestimável da luz solar nos elarge vasto campo dimensional e nos possibilita o emprêgo de velocidades relativamente rápidas e, se lográssemos eliminar aquêle inconveniente que tanto nos agasta, do desfoque de campo anterior e posterior ao ponto objetivado (um têrço antes e dois após) estaríamos convictos de haver evoluído consideravelmente. A hiperfocação elimina tudo isso e dá estupendos resultados e, embora pouco difundida cá entre nós, é de se esperar que tenha boa acolhida, mesmo com reservas.

Exemplificando-se, conforme as «virtudes» da nossa câmera, enfocarmos (ou medirmos, na torção de rôsca da objetiva) algo que esteja cerca de seis ou sete metros, teremos o desagradável borramento «emplastante» da imagem anteposta e proposta, que aparecerão nebuladas.

Como porém, a versatilidade humana concebe diversificados conceitos sobre forma e arte, é lícito aceitar e tolerar um proposital desfoque de fundo (também obtido tècnicamente), no entanto, u'a foto ou transparente totalmente nítido de «cabo a rabo», salvo exceções, agrada sempre.

CONSIDERAÇÕES

As câmaras de primeira linha, da mais recente e portanto moderníssima fabricação, enriquecidas com a mais elevada funcionalidade quase «cibernética» de automatismo, não se acham tão profusamente em uso, seja pela apavorante complexidade funcional, seja pelo elevado custo, tópicos que as preservam da «preferência» do grande contingente que divaga de «orelhada» num pitoresco amadorismo caseiro, mais cromoclasta que cromoeésteta... infligindo (ingênuamente, é claro) nesse cambulho desastroso, sérias e fatais vicissitudes a tôdas as películas que lhes cai nas mãos.

É incontestável que nêsses transe a hiperfocação não resolve... mesmo com o concurso dos fabricantes de câmaras e filmes, que enviam esforços no sentido de melhorar e simplificar o «trabalho» dos que espadeiram a arte de fotografar.

Agora, após êste intencional e ambíguo preâmbulo, quiçá propiciatório, que visa obter a confortante transigência do paciente leitor, entramos no mérito do que nos propomos divulgar, ou melhor «lembrar» dispondo, para essa tarefa, do nosso pequeno conhecimento e nossas grandes limitações.

NO CAMPO, NA PRAIA, NAS MONTANHAS

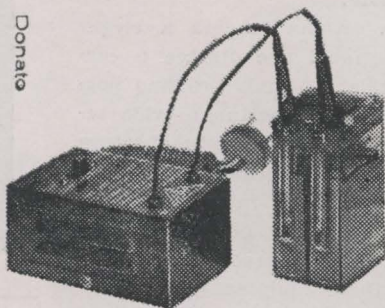
Como é óbvio, podemos fotografar hiperfocando sob a imensurável calota do céu, que funciona qual desmesurado refrator da luz, sem nenhum limite, restrição ou contraindicação de sensibilidades inadequadas, de vez que, quanto mais vigorosa for a «delicatelyza» do filme que estiver na câmara, maior escala e opção de escolha se nos antolhará para a decorrência do disparo. Assim, para captar imagens sem outro recurso além os da própria câmara, poderemos fazê-lo, hiperfocando, com:

- a) filme diapositivo (côr) 40 ou 50 ASA (luz do dia);
- b) filme negativo/côr, 100 ASA (luz do dia) ou mais;
- c) filme B e P. para positivação em papel ou reversível, de sensibilidade que pode ir de 40 a 400 ASA.

Para uso de películas muito rápidas é necessário que a câmara tenha recurso de alta velocidade porque a velocidade do disparo será em decorrência da abertura escolhida e será lida no fotômetro (que estará calibrado com a característica de sensibilidade do filme).

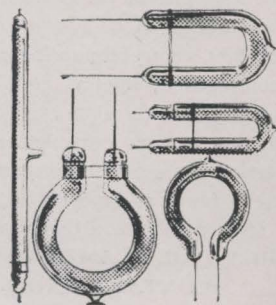
FRATA - técnica eletrônica a serviço da fotografia

Donato



bateria e carregador

lâmpadas para flash eletrônico



flash eletrônico



**FRATA a unica fábrica da América
do Sul especializada em produtos
eletrônicos para fotografia.
PRODUTOS ELETRONICOS
FRATA LTDA.**

R. DR. LEONARDO PINTO, 68
TEL. 51-0842 - S. PAULO
C.P. 4870 -



Isto nos fará obter negativos e diapositivos callbrados, equilibrados e **normais**, de excelente transparência. Haverá, líquido e certo, uma velocidade direta ou interpolada para cada **abertura da escala escolhida**.

Como é lógico, a escolha tenderá a eleger aquela expressão hiperfocal que oferece o «estouro da absoluta nitidez» o mais próximo possível, que então será a 22 (abertura) (vide tabela) porém, a expressão liderada pela abertura 16, (que vem a ser a virtude mediana) nos dará melhor mobilidade, pôsto que, numa paisagem solarenga poderemos disparar com velocidade 100 ou mais ávos de segundo (com 125 ASA).

Se usarmos aberturas maiores (com a devida colocação prévia da «distância») poderemos fotografar instantâneos em alta velocidade, como 200 ou 250, sem preocupar-nos com «enfoque» de espécie alguma, apenas com o relativo afastamento do primeiro plano.

Então, se o meu caro leitor (sofrido e paciente) tiver como eu, uma câmera 35 milímetros, poderá fazer a experiência, com um destes valores, ou com todos alternadamente:

TABELA PARA CAMERAS 35 MM. LEICA, CONTAX-CANON ETC.

ABERTURAS

Foco	Pés ou Mts.	Nitido de	ao Infinito
3,5	48 ou 14,40	7,20 "
4.	42 ou 12,60	6,30 "
8.	21 ou 6,30	3,00 "
16.	10 ou 3,00	1,80 "
22.	8 ou 2,40	1,20 "

Exemplo: ponha na câmera um filme de 50 ASA. Fique no ponto melhor que achar, enquadrando um panorama, deixando alguém a cêrca de 2,5 metros. Coloque a **abertura em 16** e faça de conta que já mediu a distância e deu 3 metros (ou 10 pés) coloque isso na câmera; veja no fotômetro qual a velocidade correspondente à abertura 16. Coloque-a no dispositivo de disparo e enquadre, com a pessoa no primeiro plano e... bata a chapa. De 1,80 mts. ao infinito tudo estará em foco.

TABELA PARA ROLLEI

Foco	Pés	Nitido de	ao Infinito
8	31	4,70 "
11	23	3,40 "
16	16	2,30 "
22	11	1,70 "

(Não esquecer que estamos nos reportando a tomadas a céu aberto, usando apenas a câmera, pura e simples sem filtro redutor ou reversor, podendo no entanto ser usado um **filtro H-1 in-color**).



Hiperfocal. Foco 22. Tambor 11 pés. Veloc. 100. Filtro H-1. A pessoa está a 1,70 mts. e a serra de Itapirapuã (divisa de Estado) se alonga por 2 quilômetros (até a cumiada).



Foco 22. Tambor «dist» 11 pés. Veloc. 100. Verichrome Pan 125. A nitidez se manifesta nos baldes e vai ao infinito. Nota: Nenhuma das fotos teve «corte», o negativo foi positivado «in totum» de tangente a tangente.

projektor fixo

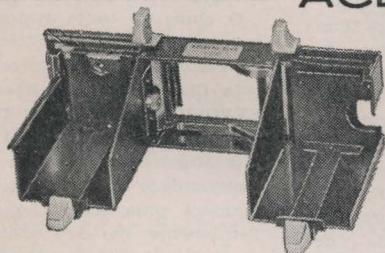
OLYMPUS Pen

AGORA COM VENTILADOR
(opcional)

objetiva "ZUIKO"
1:2,8/55 mm - grande
angular - Especialmente
concebido para
diapositivos de 18 x 24 mm
e 35 mm (24 x 36 mm)

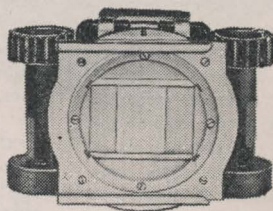


ACESSÓRIOS



AUTO CHANGER

acessório que colocado no proje-
tor OLYMPUS PEN, torna-o se-
mi-automático, com capacidade
para aproximadamente 40 slides.



STRIP FILM

acessório para passar filme em
rôlo, que facilita a projeção de
diapositivos nas posições hori-
zontal e vertical.

À VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO
REPRESENTANTE EXCLUSIVO PARA
TODO O BRASIL

TROPICAL LTDA

CAIXA POSTAL 6660 — SÃO PAULO



Confederação Brasileira de Fotografia e Cinema

Representante no Brasil da "Fédération Internationale De L'Art Photographique" (FIAP)

Sede Administrativa: Rua Avanhandava, 316 — São Paulo — Brasil

A PREMIAÇÃO DA V BIENAL DE ARTE FOTOGRAFICA BRASILEIRA

A comissão escrutinadora nomeada pelo presidente do Foto Clube do Espírito Santo divulgou o resultado da V Bienal de Arte Fotográfica Brasileira, há pouco realizada em Vitória, Espírito Santo.

Em primeiro lugar, ganhando o Troféu Brasil, o Foto-Cine Clube Gaúcho. Em segundo, recebendo o Troféu Hercules Florence, o Clube Foto-Filatélico-Numismático de Volta Redonda. Em terceiro, vencendo o Troféu Abade Combes, o Cine-Foto Clube Ribeirão Preto.

Do 4.º ao 12.º lugar, ficaram: Associação Brasileira de Arte Fotográfica, Foto Clube de Jaú, Foto Clube do Espírito Santo, Foto-Cine Clube Bandeirante, Liberdade Foto-Cine Clube, Cine-Foto Clube de São Leopoldo, Iris Foto Grupo, Sociedade Fluminense de Fotografia e Sociedade Fotográfica Nova Friburgo.

Na classificação individual, apenas dois premiados: em primeiro, "Portrait", de Celso Brando, da ABAF, com 81 pontos e segundo, "Louca", de Antônio Spanó Neto, do CFCRP, com 80 pontos.

Os prêmios já foram remetidos aos vencedores, aguardando-se o envio das medalhas aos dois concorrentes individuais. O mapa geral da classificação foi enviado juntamente com a circular de agosto aos clubes filiados à CBFC.

CONSELHO SUPERIOR DA CONFEDERAÇÃO

Através de votação epistolar, pelos membros do Conselho Superior, ficou assim constituída a sua mesa para o exercício 1968/70: Herros Cappello (presidente), David Tedesco e Ubracy de Carvalho Lima (secretários), respectivamente pertencentes ao FCCB, ao CFFNR e à ABAF.

ADIADOS CONGRESSO E A BIENAL DE 68 DA FIAP

Não mais se realizará em Varsóvia o X Congresso da Federação

Internacional, nem a Bienal, marcados para setembro. A FIAP disse em comunicado que a respectiva federação se excusou da realização prometida.

A FIAP conclama agora as federações de outros países para se candidatarem à realização de ambos os acontecimentos, anunciando como datas prováveis o próximo mês de novembro ou a primavera européia. As coleções enviadas a Varsóvia serão despachadas para a federação que se responsabilizar pela mostra.

Estes foram os trabalhos selecionados para a representação da CBFC e que se encontram em Varsóvia: "Floresta Negra", de Antônio Carlos Bellia, do FCCB; "Mãos", de A. Calino, de CFFNR; "Roda", do mesmo autor; "Escaler", de Durval Cordeiro, do mesmo clube; "Composição", de Marcel Giró, do FCCB; "Regresso", de Issamu Kobayashi, do LFCC; "Areeiros", de Gunther Luderer, do CFFNR; "Bar de Favela", de Roberto Marconato, do FCCB; "Fim da Vida", de João Minharro, do mesmo clube; "Separação de Tons", de Sylvio Coutinho de Moraes, da ABAF; "Alta Velocidade", de João B. da Nave Filho, do FCCB; "Separação de Tons", de Nilton P. Pimentel, da ABAF; "Verão", de Eduardo Salvatore, do FCCB; "É Longa a Jornada", de Paulo Pires da Silva, do IFG e "Tenista", de Yoshio Takeda, do LFCC.

COLEÇÕES CIRCULANTES DE FOTOGRAFIAS

O Departamento Fotográfico da CBFC vai restabelecer o serviço de circulação de coleções fotográficas entre os clubes filiados, afim de serem expostas. Estão à disposição as seguintes coleções: "O Mundo que eu Vi", de Jern Lecocq, do FCCB; "Areia", a notável coleção do saudoso José Yalenti, já exibida com grande sucesso em diversas cidades e, do mesmo autor, "Reflexos".

SERVIÇO ESTATÍSTICO DA CONFEDERAÇÃO

O diretor do Departamento Fotográfico da CBFC, Gunther H. Luderer, estuda a elaboração de um mapa-questionário a ser enviado a cada clube filiado, com a finalidade de elaborar uma estatística. Este trabalho virá de encontro à solicitação do diretor de Estatística da FIAP, Sylvio Comanescu, neste sentido.

A estatística dos concorrentes a salões internacionais e nacionais, solicitada pela FIAP, servirá de base para a concessão de novos títulos da entidade.

SEDES PRÓPRIAS DE FILIADOS

O Cine-Foto Clube de Ribeirão Preto e o Clube Foto-Filatélico-Numismático de Volta Redonda terão sedes próprias. O de Ribeirão Preto continuará, até a definitiva instalação, a receber a correspondência em nome do 2.º secretário, Domingos S. Zipparo, à rua Américo Brasiliense, 1267, telefone 49-10.

O clube de Volta Redonda terá a sua sede própria em terreno localizado em ponto central, doado pela Cia. Siderúrgica Nacional.

EXPOSIÇÃO PERMANENTE EM MUSEU DA PARAÍBA

O Museu de Imagem e Som da Universidade Federal da Paraíba manterá uma Exposição Mundial Permanente de Arte Fotográfica, para a qual está solicitando o envio de trabalhos de artistas nacionais, que ali figurarão ao lado dos de maior projeção internacional.

O convite deve ser aceito, tratando-se do primeiro passo dado no Brasil por uma instituição oficial, no sentido de projetar a fotografia artística.

As remessas poderão ser endereçadas a Hermano Cavalcanti Galvão, coordenador da Seção de Fotografia do Museu da Imagem e Som: Reitoria da Universidade Federal da Paraíba — Av. Getúlio Vargas s/n — João Pessoa, Paraíba.

MARSHAL PRESS

TAMANHO REDUZIDO - LEVE
FÁCIL MANEJO - VERSÁTIL

A câmara de características profissionais mais avançadas do momento

Com seu grande visor com telêmetro embutido, permite uma focalização de fácil manejo, devido a um rolete dentado que é acionado pelo polegar da mão direita. — Devido ao seu alto padrão técnico, a Marshal Press, adotou um sistema original de adaptar as tele-objetivas sem ser necessário intercambiar as mesmas, no momento de usá-las. Basta colocá-las na montagem frontal da objetiva já fixa na câmara, para transformar a distância focal destas, em valores diferentes do original. Sendo constituídas por grupos ópticos acromáticos, atuam como “conversores de focal” permitindo, simultaneamente, serem aplicados com grande rapidez, proporcionando ao profissional maior desenvoltura no seu trabalho, sem perda de tempo. — Possui objetiva normal Nikkor F. 3.5 à F. 3.2 de 105 mm. que acoplado a tele-objetiva de 135 mm. os diafrámas vão de F. 4.7 à F. 4.5 (41 graus) e com tele de 150 mm os diafrámas vão de F. 5.6 à F. 6.4 (30 graus).



Obturador Seikosha com velocidade 1/500 à B.

Permite fotografias a muito pequena distância com auxílio do vidro despolido.

Sincronismo total para flashes — Usa filme 120 e 220 no formato 6x9 e chapa plana.

Material Fotográfico
Cinematográfico
Gravadores

Imprel

Importadora Comercial Ltda.



ESCRITÓRIO CENTRAL:

RUA URUGUAIANA, 55 - 6.º andar - Gr. 616/20

TELEFONES: 23 33-42, 43-1922 e 43-4341

RIO DE JANEIRO — GUANABARA

Enderêço Telegráfico: IMPREFOTO — GB.

RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 50 S/414

TELEFONE: 37-4314

SÃO PAULO — SÃO PAULO

Enderêço Telegráfico: FOTOIMPREL — SP.

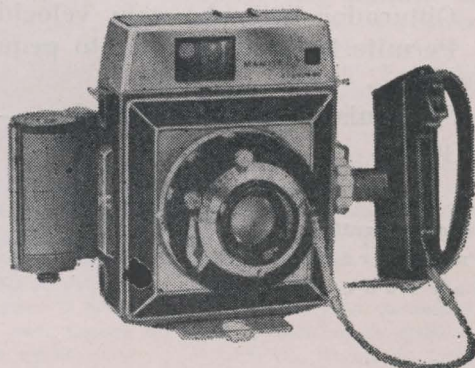
Se V. exige o máximo deve preferir uma MAMIYA C-33 6 x 6



Objetiva intercambiável 1:2.8/80 mm
(ou 1:3.5/105 mm).
Obturador SEIKOSHA de 1 a
1/500 seg. e B. Possui
compensação automática do
paralaxe e, quando o filme é
transportado (alavanca rapidíssima),
o obturador é automaticamente
carregado. Visor esportivo - Lupa.
Usa filme em rôlo (120 e 220)
ou filme rígido (6 x 9).
Seu fole duplo permite
fotografar até 10 cm com a
objetiva de 65 mm.
Sincronização para flash M e X.
Numerador automático.
Cinco objetivas opcionais
(65, 80, 105, 135 e 180 mm).
Acompanha estôjo de couro original.

ou a MAMIYA PRESS 6 x 9

• OBJETIVAS INTERCAMBIÁVEIS: 3 tipos:
Standard 3.5/90mm • Grande angular 6.3/65mm •
Tele objetiva 5.6/150mm.
VISOR E TELÊMÉTRO ACOPLADO. Através do
visor é ajustada a imagem por um pequeno ponto,
independente das lentes que estiverem em uso.
SUPORTE PUNHO - Especial para obter-se fácil
manejo da câmara.
SUPORTE P/ROLL -FILM. Três tipos: 6x9 (8 fotos)
6x6 (12 fotos) 6x4 1/2 (16 fotos). Acompanham máscaras.
SUPORTE PARA FILM PACK.
FOLE DE EXTENSÃO.



Representantes exclusivos

TROPICAL LTDA.

CAIXA POSTAL, 6660 - S. PAULO

À VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO



foto-cine clube bandeirante

Declarado de utilidade pública pela Lei Estadual n.º 839 de 14-11-1950

Correspondente no Brasil do "Centre International de la Photographie fixe et Animé (CIP)" — Membro da "Confederação Brasileira de Fotografia e Cinema (CBFC) e do "Centro dos Cine-Clubes de São Paulo".

NOVOS ESTATUTOS DO BANDEIRANTE

Presidida por Eduardo Salvatore e secretariada por Arnaldo Machado Florence, realizou-se na sede social do FCCB, a 20 de julho último, a partir das 16 horas, com apreciável comparecimento de associados, a Assembléa Geral Extraordinária para a alteração dos estatutos do clube, de acôrdo com proposta da diretoria.

O presidente convidou Hildebrando Teixeira de Freitas a — em nome da comissão incumbida de apresentar um ante-projeto — ler o trabalho elaborado, o que foi feito, artigo por artigo. Após breve discussão, o projeto foi aprovado em definitivo.

Fica assim o Bandeirante com um novo código a reger os seus destinos, entrando em vigor no próximo ano o capítulo pelo qual, doravante, a diretoria se comporá de apenas 4 membros eleitos (presidente, vice-presidente, secretário geral e tesoureiro), sendo os demais (diretores dos departamentos a serem criados ou já existentes) nomeados pela própria diretoria.

Por outro lado, o Conselho Deliberativo continuará a contar com 15 membros, mas acrescido de 6 suplentes, sendo dois para cada um dos terços a serem renovados a cada dois anos, todos eles eleitos pela Assembléa Geral Ordinária de cada biênio.

CONCURSOS INTERNOS

Classificação geral até julho de 1968

É a seguinte a pontuação obtida pelos concorrentes, nas várias modalidades e categorias:

BRANCO-E-PRETO

Juniors — Jorge Abujamra (599), Takashi Kumagai (1519).
Novíssimo — Tama Sigulda (703), Juanita Suarez (318).

Aspirantes — Mário Jorge Germano (542).

LABORATÓRIO PRÓPRIO

Juniors — Jorge Abujamra (200).
Novíssimos — Tama Sigulda (204), Juanita Suarez (82).

Aspirantes — Mário Jorge Germano (139).

C Ó R

Juniors — Raul Eitelberg (960), Mariza Palladino (715), Takashi Kumagai (627), João Minharro (483).

Novíssimos — Dino Samaja (898), Fernando G. Barros (815), Mário Jorge Germano (794), Alberto Siufi (773), Tereza Samaja (670), Jorge Abujamra (626), Dárcio C. Souza (571).

Aspirantes — Luís Bertrán Ruano (694), Tama Sigulda (620), Maria Helena F. Rodrigues (378)

TROFÉU YALENTI

Branco-e-prêto — Eduardo Salvatore (510), Marcel Giró (145), Takashi Kumagai (144), Jorge Abujamra (138), Antonio Bellia (138), Tama Sigulda (135), Mário Jorge Germano (92), Iracy Ando (48), A. E., Almeida (48), José de Paula Ferreira (48), João Minharro (45) e Juanita Suarez (45).

Diapositivos em cores — Raul Eitelberg (564), Eduardo Salvatore (471), Dino Samaja (372), Mariza Palladino (332), Marcegiró (240), Takashi Kumagai (194), Herros Cappello (191), A. Carvalhaes (191), Antônio Bellia (189), José M. Palladino (187), Fernando G. Barros (184), João Minharro (182), Darcio C. Sousa (139), Tereza Samaja (95), Alberto Siufi (92), Chafik Rayes Jr. (91), José C. B. Gama (91), Luís B. Bueno e Fernando Vasconcelos (49), Iracy Ando e Palmira Giró (48), Angela Palladino (47), Maria J. Germanos (46), Otelo Coltro e Beppo Zini (45) e Celso R. Andrade (43).

DEPARTAMENTO DE INTERCAMBIO

Coleções remetidas — Foto Clube de Jaú, Fotokreis Gruppe da Alemanha, Camera Circle de Sidney, The Photographic Society da Irlanda, Foto Clube Mondovi da Itália, Marina Pietrasanti da Itália, Polzeisportvereinejung da Áustria, Sociedade Fluminense de Fotografia, Departamento Cultural da Escola de Engenharia de Juiz de

Fóra, Sociedade Cultural Mirasolense, Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, Azienda Autonoma e Turismo de Como (Itália), Peña Rosarina da Argentina e Giuventù Italiana.

Resultados recebidos — Grupo Desportivo Rádio Marconi, de Portugal: José Maria Palladino (1) e Mariza Palladino (1); L'Uninen de Remoise, da França: Marce, Giró (1), Eduardo Salvatore (1), Dárcio Souza (1); Foto-Clube de Campinas: J. Abujamra (2), F. G. de Barros (1) e A. C. Bellia (2), Galdão (1), Galvão (1), Marcel Giró (3), Issa (2), Camillo Joan (2), Takashi Kumagai (3), Marconato (3), Minharro (3), Nave (1), Peterlini (3), Salvatore (4) e medalha de bronze: Capello (2) e medalha de ouro. Camera Circle of Sidney: Palladino (1).

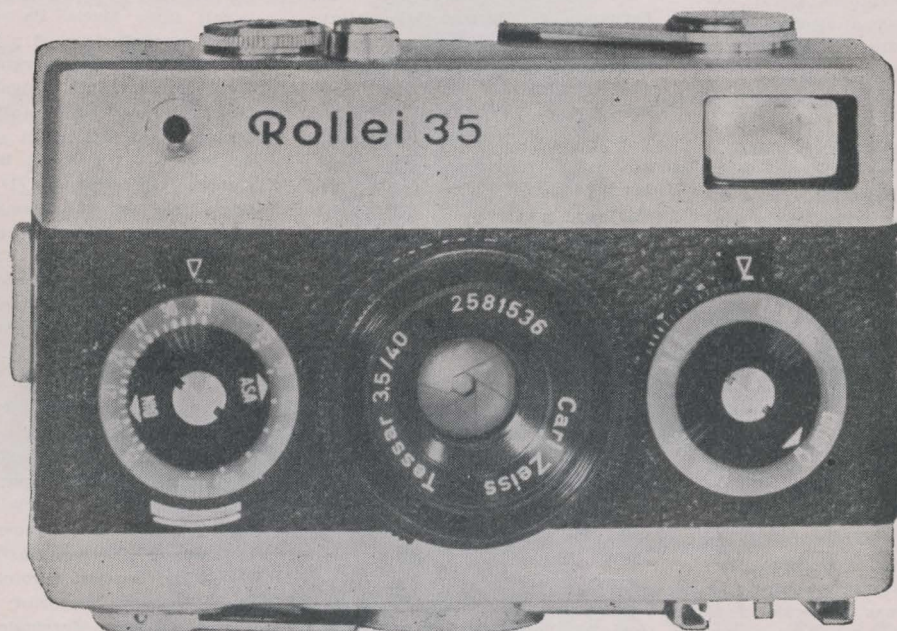
NOVOS SOCIOS

O quadro social do Bandeirante foi enriquecido com o ingresso de mais os seguintes aficionados da fotografia e do cinema: Massami Itiyama; Nicolai Sorókin; Gian Bruno Grosso; José Roberto Sauci; Edmar de Carvalho Teixeira; Sonia de Castro; Hiromiti Itiyama; Antonio Signorini; Oswaldo Terni; Antonio Marcondes de Almeida; Luiz Motejunas, Luiz Antonio de Camargo Medeiros; Rodrigo Whitaker Salles; Helio Rubens Marques Batista Sigurd Friedrich Riether; Sebastião dos Santos Filho; Kardec Pinto Vallada; Rui Alexandre Correia Costa; Maria Isabel Germano; Oswaldo Pongetti Filho; João Leandro Pelluchi; Pedro Schumacher; Gisela Gorovitz; Antônio Cordeiro; Adolfo Jackel; Mauri Sampalo Constantino; Brasilino Salles de Andrade; Marcos Brescia Leal; Zelinda Ourique Orlandi; Arsenio Hypolito Junior; Guilherme Carvalho Ribas; Marcos Tulio Barreto Rocha Braga; Iza Ebe Ramos da Silva; Tereza Cavalcanti Samaja; Aluizia Hanisch; Antônio de Padua Martuscelli; Aldo Anhezini; Ismar Ferrari.

Rollei 35

A CÂMARA DE PRECISÃO PEQUENA E CORRETA

Ideal para se ter sempre consigo. Suas medidas são 32 mm largura, 97 mm de comprimento e 60 mm de altura. Pêso total: 390 gramas — Utiliza film 35 mm e se obtém 36 exposições no tamanho 24x36 mm. Resume pois, aliada à objetiva Zeiss Tessar 1.3,5/40 mm, fotômetro-CDS embutido e obturador central Rollei-Compur até 1/500 segundo, potência fotográfica de alta qualidade e precisão, em forma concentrada.



Seu manejo é seguro e extremamente cômodo, pois os elementos de comando, como diafragma, velocidade, distância, profundidade de campo, contrôle do fotômetro, alavanca de transporte do filme, são abrangidos num único golpe de vista.

Examine no revendedor de sua confiança, esta pequena jóia fotográfica, e descobrirá ainda maiores detalhes que farão V. S. desejar ainda mais possuí-la.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

H. SCHNEIKER S/A.

IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO

CURITIBA

Rio de Janeiro

— São Paulo —

Belo Horizonte



O público



O júri

O Festival Bandeirante de Cinema Experimental Latino-Americano

A Argentina venceu o Festival Bandeirante de Cinema Experimental Latino-Americano, promovido em agosto, ao apresentar o "melhor filme", que foi "Arena", de Daniel Pires Mateus. Brasil, Paraguai e Argentina tiveram um total de 17 filmes selecionados, enquanto o Uruguai chegou a enviar a sua representação, embora não chegando a tempo de concorrer.

VEREDITO DO JURI

Assim se manifestou o júri na ata que elaborou ao final dos trabalhos:

«Aos vinte e quatro dias do mês de agosto de 1968, reunidos Antônio José de Lima, Victor Hugo da Costa Pires e Carlos Vieira, como integrantes do Júri designado pelo Foto-Cine Clube Bandeirante para julgar os 17 filmes curta metragem, em 16 mm, sonoros, sendo 16 em preto e branco e 1 em cores, dos quais 5 produzidos na Argentina, 1 no Paraguai e 11 no Brasil, foi emitido o seguinte parecer:

O MELHOR FILME DO FESTIVAL: «Arena», de Daniel Pires Mateus (Argentina);

O MELHOR FILME BRASILEIRO: «Um Pedreiro», de Daiz Peixoto (São Paulo);

O MELHOR FILME ESTRANGEIRO: «Documentalizando», de Gustavo Sosa Pujato (Argentina);

A MELHOR FOTOGRAFIA: «A Festa», de Luiz Alberto Sartori, fotografia de Thiago Veloso (Brasil).

O critério adotado para julgamento dos filmes exibidos foi o da Union Internationale du Cinema Amateur, cujo representante para a América Latina, Hector Y. Fajta, esteve presente quando da primeira reunião do Júri, no dia 10 de agosto de 1968 e foi convidado para participar dos trabalhos. Pelas normas oficialmente aprovadas pela UNICA para os concursos ou festivais de cinema experimental e amador, os filmes inscritos foram apreciados em cinco elementos valorativos, a saber: 1 — Impressão global; 2 — Valor intelectual; 3 — Valor artístico; 4 — Valor técnico; 5 — Ritmo.

Assim sendo, às películas concorrentes foram atribuídas médias e, no seu computo, as de maior alcance tiveram premiação sendo ainda demoradamente analisada em todos os seus aspectos de realização cinematográfica, sejam técnicos e estéticos.

O Júri consigna especial menção ao Foto-Cine Clube Bandeirante pela iniciativa de promover uma manifestação cultural cinematográfica de reconhecimento e apoio ao cinema experimental do Brasil e dos demais países da América do Sul.

São Paulo, 24 de agosto de 1968.

- a) Antonio José de Lima
- a) Victor Hugo da Costa Pires
- a) Carlos Vieira — presidente».

os filmes

PROGRAMA I

1. São Paulo: O ARTISTA

Produção, Cine-Clube Universitário de Campinas — Direção, argumento e roteiro, LUIZ CARLOS BORGES — Fotografia, Henrique de Oliveira Júnior — Música, Johan Strauss e Baden Powell — Intérpretes: Joary Grimaldi, Abílio Guedes, Luís Antônio Iaderoza, Marco Antônio Lucarelli, Lúcia Tôrres, José Domingos Vasconcelos, Roberto Arlindo, Vanio Milanez e Og Brasil Bernasconi.

2. Guanabara: DOM QUIXOTE

Produção, direção, argumento e roteiro, HAROLDO MARINHO BARBOSA — Fotografia, Soly Levi — Intérpretes: Caetano Veloso e Renata Sochaczewski.

3. Ceará: A REDE DE DORMIR

Produção, direção e fotografia, JOÃO SIQUEIRA.

4. Espírito Santo: O PENDULO

Produção, Lafayette Ciriaco, Luís Alvarado e Rubens Freitas Rocha — Direção, argumento, roteiro e fotografia, RAMON ALVARADO — Intérpretes: Carlos Chenier e Zelia Steiner.

5. Guanabara: PATRIMÔNIO

Produção, direção e roteiro, FRANCISCO MIRANDA FILHO — Argumento, Stanislaw Ponte Preta — Fotografia, Paulo Campos Gimenez — Intérpretes: João, Belli e Josemar.

6. Paraguai: RECUERDOS DE PARAGUAY

Realização de Iche Rajlevsky e Miguel Benitez, em Eastmancolor.

7. Argentina: JANGADAS

Realização de Iche Hajlesky e Miguel Benitez.

8. São Paulo: UM PEDREIRO

Produção, Cine-Clube Universitário de Campinas — Direção, DAYZ PEIXOTO — Roteiro, Luiz Carlos Borges — Fotografia, Henrique de Oliveira Júnior — Música, Vilalobos.

9. Guanabara: XARÉU

Produtor executivo, Luís Carlos Mendonça — Direção, LUIZ FERNANDO GRAÇA MELO — Roteiro, Luiz Fernando Graça Melo e José P. Kupper — Fotografia, Ronaldo Dreux — Música, Luis Cláudio dos Santos — Intérpretes: Yolanda e Alberto.

10. Argentina: TAMBO

Realização de Iche Rajlevsky e Miguel Benitez.

11. Guanabara: MEMÓRIA E ÓDIO

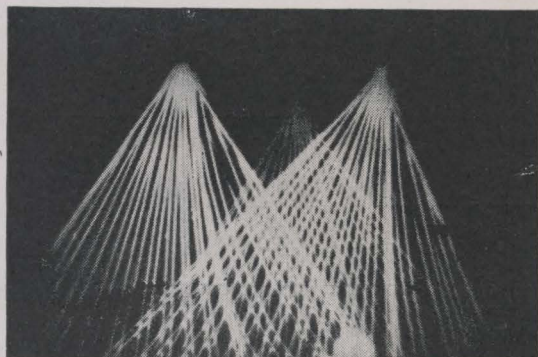
Produção, direção, argumento e roteiro, PAULO THIAGO — Fotografia, Soli Levy — Intérpretes: João Sergio, Maria Isabel, Ana Teresa, Amir Haddad, Roberto Bonfim e J. da Silva.

12. São Paulo: O PEDESTRE

Produção, direção e roteiro, OTONIEL SANTOS PEREIRA — Argumento, Ray Bradburry — Fotografia, Andrea Tonacchi.



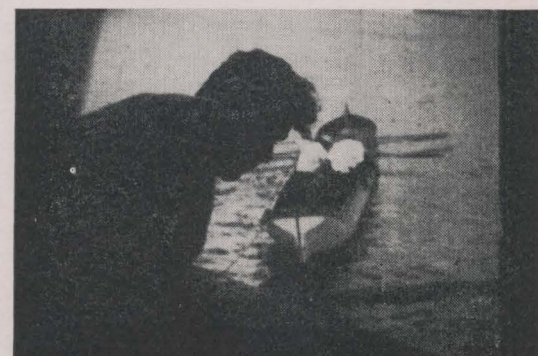
O ARTISTA



A REDE DE DORMIR



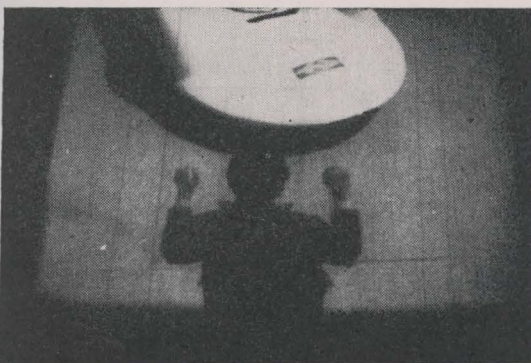
JANGADAS



XARÉU



MEMÓRIA & ÓDIO



○ PEDESTRE



ANUNCIAÇÃO



A FESTA

os filmes

PROGRAMA II

13. Estados Unidos (Hors Concours):
DEATH, BE NOT PROUD

Argumento e direção, JORGE PRELORAN — Fotografia, Julio Luzardo — Voz, Frank Silvera — Intérprete: Tom Skerritt.

14. Argentina: **DOCUMENTALIZANDO**

Produção, Grupo Aguariabay — Produtor executivo, Felipe Yacoviello — Direção, GUSTAVO SO-SA PUJATO — Fotografia, Adolfo Martinez.

15. Minas Gerais: **ANUNCIAÇÃO**

Direção, LUCAS RAPOSO — Fotografia, Carlos Lucas de Miranda — Intérpretes: Suely Poni e Amadeu Lorenzatto Jr.

16. Argentina: **ARENA**

Produção, T. Fernandez Jurado — Argumento e direção, DANIEL PIRES MATEUS — Roteiro, S. Strassberg — Moreno — Música, L. Ruiz e Modern Jazz Quartet.

17. Minas Gerais: **A FESTA**

Produção, A Equipe — Direção, LUÍS ALBERTO SARTORI INCHAUSTI — Roteiro, Luís Alberto e Gil Prates — Fotografia, Tiago Veloso — Intérpretes: Marília Andrade e Moacir Lacerda.

18. Argentina: **DESAYUNO**

Produção e direção, MARCELO LEYROS — Argumento, Jacques Prevert (poema "Dejeuner du Matin") — Roteiro, Marcelo Leyros e Mercedes Cartuccia — Fotografia, Luís Allu e José del Castillo — Intérpretes: Jorge Laureti e Luciana Berlini.

A crítica

○ Festival Bandeirante de Cinema Experimental Latino-Americano, organizado e realizado pelo Foto-Cine Clube Bandeirante, veio pela primeira vez colocar em pé de igualdade, numa competição de amadores, o cinema que se faz no Continente. Paulistas, cariocas, mineiros, capixabas e cearenses mostraram seu cinema ao lado dos amadores de outros países.

A crítica

Teve, assim, o público paulista, a ocasião de confrontar o estágio atual do jovem cinema latino-americano, suas preocupações, seus meios de expressão, sua gente e suas coisas. Inclusive pioneira, sem ajuda oficial, foi mais uma decidida manifestação do cineclubismo, este movimento tão incompreendido pelos próprios cine-clubistas e os pseudos, detratores gratuitos, como se viu na recente reunião nacional de Brasília, agora e sempre desmentidos.

Nível excelente o de boa parte dos 18 filmes selecionados. Alguns, até surpreendentes. Lástima que uruguaios e bolivianos, por tôdas as dificuldades de ordem burocrática e pelas deficiências de comunicação (exemplo: uma carta aérea demorar um mês daqui para lá, ou vice-versa), não chegassem a tempo de concorrer (os filmes ainda devem estar a caminho, se não se perderam).

Os abaixo mencionados, foram os que conseguiram vencer estas barreiras tôdas.

1 O ARTISTA

«O Artista», com argumento, roteiro e direção de Luiz Carlos Borges, trouxe Campinas para o cenário das competições cinematográficas amadoras. Entre a valsa de Johan Strauss e o violão de Baden Powell, a música de ontem e a de hoje, o espírito romântico do artista d'antanho com a consciência participante dos dias modernos, construiu Borges o seu pequeno filme, de menos de 7 minutos. Simples, mas correto, «O Artista» mostra a transformação de um personagem bastante semelhante a uma mescla de Carlitos e Stan Laurel, num homem que abandona o círculo das preocupações praze-



DON QUIXOTE

rosas — dos bailes, dos amores domingueiros em bancos de jardim, das pôses sofisticadas — e sobe o morro em busca da miséria, com o intuito, não declarado mas presente, de ajudar os desvalidos. Bom o trabalho fotográfico de Henrique de Oliveira Junior e o de um elenco extenso para tão pouca metragem. Devemos reconhecer que não se deu a este filme o mesmo valor que a outros, também de sentido social, mas de inferior qualidade técnica e artística.

2 D. QUIXOTE

«Don Quixote», da Guanabara, com argumento, roteiro e direção de Haroldo Marinho Barbosa, trazia como atração maior a protagonização do discutido compositor-cantor Caetano Veloso, no papel-título. A magreza lhe cai como uma luva para encarnar esta espécie de Quixote redivivo, rebelado contra as convenções sociais, que destrói a tiros de metralha, assistido por um Sancho Pança de saias (ou era Dulcinéia?). Não fica claro, pelo contrário, é bastante enrolado o filme, de 20 minutos, de Marinho Barbosa. A salientar o bom trabalho fotográfico de Soly Levi, bem como o fundo musical clássico, não citado nos letreiros. Quanto a Caetano Veloso, é melhor que continue cantando.

3 A RÊDE

«A Rêde de Dormir» revela para nós do Sul, o Ceará como produtor de cinema. Bom cinema, diga-se de saída, originado no esforço e na paciência de João Siqueira, mais de dois anos empunhando a câmara pelo Nordeste, em busca das origens da rede de dormir. Nela, o nordestino nasce, vive, faz amor, se consome em fome ou dor e nela é carregado à última morada e enterrado. Siqueira andou pesquisando os historiadores, ao mesmo tempo que saía, durante mais de dois anos, registrando a rede de dormir, chegando até a sua origem, os índios. E registrando como bom fotógrafo, inclusive com aquele efeito inicial de luz e sombra, sobrepondo-se na tela e já predispondo o espectador para o melhor. Trabalho sério mas que se perde na extensão, pois cansa a repetição, nos mínimos detalhes, de cada aspecto da fabricação e do uso daquele artefato. O montador Siqueira traiu o documentarista Siqueira. Mas, o Ceará fez bonito. Recomendamos o filme a todos quantos venham a estudar os hábitos nordestinos.

4 O PÊNDULO

«O Pêndulo» assinala a presença de outro centro desconhecido da realização cinematográfica, o Espírito Santo. Argumento, roteiro, fotografia e direção de Ramon Alvarado, falha em todos estes setores. Fita muito fraca, de

A crítica

principiantes com poucos recursos e nenhuma prática. O que não nos autoriza a crer que não venham, em futuro próximo, a apresentar trabalho melhor, os capixabas e as contradições da juventude, é ela mesma um retrato mal logrado de jovens que bebem, que procuram as casas mal freqüentadas e que se sentem asfixiar pelo meio. Tudo isto mal traduzido em imagens de escasso valor cinematográfico.

5 PATRIMÔNIO

«Patrimônio», da Guanabara, é uma anedota e saída da imaginação fértil de Stanislav Ponte Preta. Por isto mesmo a anedota funciona, ainda que precariamente contada pelo diretor Francisco Miranda Filho. É a estória do favelado que tem mais um filho a registrar no cartório civil. Que nome lhe vai dar? As dúvidas lhe perpassam a cabeça no trajeto. General, General da Silva é a solução! Nas não pode, porque nome é nome e General é outra coisa. O público gostou muito, não levando em consideração as falhas evidentes da narrativa, com sua falta de ritmo, a montagem improvisada. Funcionou «Patrimônio» com a força da anedota em si.

6 RECUERDOS

«Recuerdos del Paraguay» colocou em cena pela primeira vez, para nós, o Paraguai como país produtor — se bem que em Mato Grosso sejam exibidos filmes paraguaios que não atingem nunca São Paulo. Nada de novo como concepção, sendo apenas um filme colorido de fundo turístico, que mostra o país atra-



DOCUMENTALIZANDO

vés de suas canções. Um trabalho de câmara seguro empresta dignidade a este trabalho, que por certo não fará feio em qualquer exibição, mas esteve deslocado num festival.

7 JANGADAS

«Jangadas» representa a Argentina, se bem que filmado na Bahia, mas por argentinos que o finalizaram em Buenos Aires. Trabalho de Iche Rajlevsky que tem força, encanto e sensibilidade ao mostrar os bravos jangadeiros que tanto impressionaram seus olhos forasteiros. As canções praieiras de Dorival Caymmi deram o exato tom ao documentário artístico, dispensando comentários falados. Sua cotação, no festival, foi das mais altas e merecidas.

8 UM PEDREIRO

«Um Pedreiro» é a mesma equipe reunida pelo Cine-Clube Universitário de Campinas em «O Artista». O roteirista é Luiz Carlos Borges, o fotógrafo é Henrique de Oliveira Júnior, mudando a direção para Dayz Peixoto, única representante feminina a tentar esta difícil tarefa no festival. A câmara segue a trajetória de um pedreiro que, vindo do Norte, já trabalhou em tudo e agora faz altos edifícios para os outros, enquanto continua a rodar de bicicleta rumo ao barraco, onde vive com

a família. Dos campineiros, agrada-nos mais o primeiro, embora o júri fôsse de opinião contrária. «Um Pedreiro» é válido mas pouco original, é bem realizado mas menos trabalhado que «O Artista». Diante do prêmio de «melhor filme nacional», só nos resta desejar que a equipe continue produzindo filmes.

9 XARÉU

«Xaréu», de Luiz Fernando Graça Melo, da Guanabara, volta-se para outra realidade brasileira, os pescadores de Arraial do Cabo, escravizados a uma falsa esperança no futuro, que lhes dá a religião. Quando bate o desespero, a morte é a solução de tantos problemas, tanta miséria e ignorância. O filho do veterano diretor Graça Melo não soube ordenar este material em bom cinema. Imagens êle as tinha, mas não eliminou os excessos, as repetições, que cansam o público. A sequência em câmara lenta do pescador sendo recordado por sua mulher, ainda impressiona. Dizemos «ainda», porque já havíamos visto o filme e comentado. A fotografia de Ronald Dreux é bastante prejudicada pelo laboratório.

10 TAMBO

«Tambo», da Argentina, está no mesmo caso paraguaio. Um documentário bem realizado, de feitura quase profissional, sobre métodos modernos de trabalho de um pequeno produtor de leite, mas des-

A crítica

locado num festival. Foi mais uma colaboração dos argentinos à mostra, que a certeza de competir em pé de igualdade.

11 MEMÓRIA

«Memória e Ódio», com argumento, roteiro e direção de Paulo Thiago, da Guanabara, foi o que melhor rendimento do elenco obteve, bem amparado na fotografia de bom nível de Soli Levy (reprisando o feito de «Dom Quixote»). Curiosa a reinvenção da tragédia de Orestes, adaptada aos nossos tempos e ambientada num casarão onde a memória faz sentir a decomposição de uma família e de uma época. As fúrias gregas ficaram distantes, encarregando-se de torturar este Orestes do asfalto a menos poética política carioca.

12 O PEDESTRE

«O Pedestre», com roteiro, direção e interpretação de Ottoniel Santos Pereira, defendeu bem São Paulo aos olhos do público e do júri. Quanto a nós, fazemos reparos à direção, que não soluciona em termos de imagens muitas das passagens vazias do filme, à interpretação, que é fraquíssima e à fotografia de Andrea Tonacci, abaixo da média. Resta a idéia e esta é de Ray Bradbury, o notável ficcionista onde foi beber inspiração François Truffaut para realizar um de seus melhores filmes, «Fahrenheit 451». O pedestre aqui é o único na São Paulo do século XXI, que perambula pelas ruas, após o governo haver decretado a proibição dos cidadãos saírem de suas confortáveis casas. A idéia, como se vê, era boa.



DEATH, BE NOT PROUD

13 DEATH

«Death, be not Proud», embora realizado por estudantes latino-americanos de cinema, foi produzido nos EUA, tendo sido exibido fora de concurso. Entretanto, se concorresse, ninguém o enfrentaria na primeira colocação. Um único personagem, um soldado norte-americano apossado pelo terror da metralha, numa guerra qualquer, que tanto pode ser a da Coreia quanto a do Vietnã. Os efeitos sonoros e as imagens foram «orquestradas» como uma sonata em três movimentos (allegro, adagio, presto) paralelos à estrutura de um poema — o «John Donne's Holy Sonnet 10», lido pelo veterano ator Frank Silveira. Em 12 minutos, o argumentista, diretor e montador argentino Jorge Preloran explorou à perfeição o terror da guerra e o seu impacto num indivíduo solitário, com a expressiva colaboração do fotógrafo Julio Luzardo, num trabalho excepcional e com a boa interpretação de Tom Skerritt.

14 DOCUMENTA

«Documentalizando», da Argentina, era sem favor o «melhor filme estrangeiro». Foi para o Grupo Aguaribay que o produziu em Buenos Aires e para o diretor Gustavo Sosa Pujato, o merecido prêmio. Cinema jovem, preocupado, social, mas ainda com tempo para sorrir da própria desgraça. Retrato de uma família operária bonaerense na

primeira parte e, a seguir, da juventude operária que se diverte num baile domingueiro por eles mesmos organizado, ao som do ié-ié-ié. A forma adotada pesquisa várias possibilidades expressivas, inclusive com o emprêgo de letreiros, como no tempo do cinema mudo, com frases sarcásticas, ou da foto fixa, da colagem, para melhor abarcar os acontecimentos circundantes, a vida argentina. Inclusive, ainda, uma auto-sátira a estes jovens filmes de enquete social, na qual o próprio Grupo Aguaribay aparece, no momento da realização e da planificação, verificando quantos minutos já dispunham de «violência», de «protesto», etc. Um documentário brechtiano, mas latino e sorridente — que mal há nisto?

15 ANUNCIAÇÃO

«Anunciação», de Lucas Raposo, de Minas Gerais, não precisou a que, exatamente, vinha. Começa como documentário da obra do Aleijadinho, continua com os anunciadores da sorte grande e termina com uma representação da Virgem no momento da Anunciação. O Anjo é um rapagão e se faz seu amante. Sem dúvida, a melhor parte do filme, onde, inclusive, a composição das imagens e o tratamento fotográfico nada tem a ver, na sua excelência, com a pobreza das outras duas partes. Mas nada tem ligação entre si, o filme é caótico e agradou bem poucos.

A crítica

16 ARENA

«Arena», argumento e direção de Daniel Pires Mateus. Argentina, não precisou mais de 8 minutos para levar o prêmio de «melhor filme». De resto, os aplausos do público, ao final, de antemão corroboraram o entusiasmo com que o júri o premiou. Simples: um garoto e seu cão na praia vêem o trabalho de uma draga ao longe. A câmara toma a liberdade que o menino não tem, ou seja, ela se transporta imediatamente para a draga, a fim de surpreender o seu trabalho. Depois, acompanha a areia até uma indústria. Lá a areia passa por diversos tratamentos e resulta em vidro. Na praia, o garoto fez outro uso da areia: construiu o seu castelo de sonho. Fim. Música do Modern Jazz Quartet como fundo. Tudo isto manejado na montagem com a segurança de um veterano. Público e júri comungaram. A crítica se incorpora a ambos gostosamente.

17 A FESTA

«A Festa» redimiu Minas Gerais. Filme romântico, dêses que uma minoria de maus bofes costuma chamar de «reacionário». A estória de um amor adolescente. Pode haver coisa mais linda que isto? Sejam todos reacionários, se o amor é tratado num filme como este de Luís Alberto Sartori Inchausti, que deu o prêmio de «melhor fotografia» a Tiago Veloso, o poeta do tédio mineiro (vide «Interregno», o ano passado no próprio Bandeirante), o fotografo das luzes indiretas, já evidenciando um estilo. Marília Andrade é a namoradinha que todos nós gostaríamos de ter. Maior elogio à beleza mineira, impossível.

18 DESAYUNO

«Desayuno», de Marcelo Leyros, o quinto argentino em concurso, teve um bom ponto de partida, mas perdeu-se no caminho curto, de uns dez minutos. O ponto de partida era o poema «Dejeuner du Matin», deste cinematográfico Jacques Prévert, que Marcelo Leyros se propôs a traduzir exclusivamente em imagens. Em certos momentos, sente-se as palavras de Prévert nas

imagens de Leyros, que entanto deixa de ser hábil na condução dos dois únicos intérpretes. A linda Luciana Berlini reage demais e o apagado Jorge Laureti de menos, mal servidos por uma fotografia lavada de Luís Allu e José del Castillo. Este filme de Mar del Plata não alcançou seus objetivos e, com êle, se encerrou este primeiro Festival Bandeirante de Cinema Experimental Latino-Americano, pioneiro no Brasil.

A. Carvalhaes - FCCB

UM FESTIVAL DE CINEMA EXPERIMENTAL

CARLOS VIEIRA

LANÇOU-SE este ano o Foto-Cine Clube Bandeirante na audaciosa realização, no Brasil, de um Festival de Cinema Experimental Latino-Americano, procurando assim superar os concursos de cinema amador que vinha há muito tempo promovendo. Evidentemente que a tarefa não é tão fácil, quando sabemos que nos países das Américas, vive-se mais distante uns dos outros, que em relação aos do continente latino americanos inexistem quanto ao relacionamento prático do cinema em termos de arte e mesmo de comércio. E quando o filme brasileiro aspira a conquista de mercado fóra do europeu. Os decantados intercâmbios culturais próprio hemisfério, as nações vizinhas se desconhecem através do prodigioso veículo de comunicação que é o cinema. Se, nêsse particular, a situação é apenas idealista, na base de tratados diplomáticos e na boa vontade de uns poucos indivíduos o cinema independente, produzido por amadores a título experimental, não se projeta de um para outro país americano.

O Festival Bandeirante de Cinema Experimental Latino-Americano foi um primeiro passo de aproximação cinematográfica entre os cultores do filme curto nesta parte do mundo. Na mostra inscreveram-se obras argentinas, paraguaias e brasileiras, já que as demais nações convidadas desinteressaram-se ou não tiveram o tempo necessário para selecionar e mandar suas películas. Estatisticamente, foi o Brasil o maior concorrente com filmes provenientes dos estados do Ceará, Minas Gerais, Espírito



DOIS ENDEREÇOS PARA SUA FACILIDADE

Centro: Rua Barão de Itapetininga, 108
 Sta. Cecília: Alameda Barros, 167
 (Onde seu carro pode estacionar)

— a boa foto se vê com a boa revelação —

Santo, Guanabara e São Paulo, todos com temática social ou de natureza documentária. Seguiu-se a Argentina com cinco filmes de linha dramática e igualmente voltada para o registro documental. E, por fim, o Paraguai, que para ser justo, não se fez presente com obra de cinema seu, mas sim com película alienígena e inadequada para representar até mesmo cinema de amadores. Se a mostra tornou-se pequena

pela quantidade de países participantes, por outro lado valeu para conhecer-se os altos e baixos de uma produção não profissional, feita mais de intenções do que de recursos técnico-artísticos em termos de cinema. Essas obras são ainda assim válidas em relação ao condicionamento adverso, porém com o argumento injustificável de fazer cinema no pegar a câmera e sair por aí a inutilizar filme virgem. O amador precisa

COMERCIO E ASSISTÊNCIA TÉCNICA DE MAQUINAS FOTOGRAFICAS

MECANOPTICA Ltda.



UMA EQUIPE TECNICA ESPECIALIZADA EM CONSERTOS

AUTOMATISMO
 CÂMARAS FOTOGRAFICAS
 FOTÔMETROS
 FILMADORES
 PROJETORES
 FLASHS ELETRÔNICOS
 GRAVADORES

MATRIZ — SÃO PAULO: RUA DOS GUSMÕES, 615 - 4.º ANDAR - FONE: 220-8959

FILIAL — SANTOS: RUA 15 DE NOVEMBRO N.º 10 — SALA 308 — FONE: 2-3096

A crítica

(continuação)

aprender a usar a objetiva com inteligência e sensibilidade, convivendo com outros realizadores e freqüentando os escassos cursos de cinema que aparecem. Registre-se, contudo, que o ponto fraco dos filmes concorrentes do Festival Bandeirante, sejam do Brasil ou da Argentina, consistiu na pré e pós-filmagem, quando na primeira fase é planejada a obra e na última, pelo acabamento, se definem os valores intrínsecos e extrínsecos da criação cinematográfica. Nos filmes de caráter amador admite-se a experiência não lograda ou a busca de melhores créditos para o roteiro, a fotografia, a direção, o som e a montagem, para citar os elementos básicos, que num tipo de filme em análise podem comprometer a qualidade estrutural cinematográfica.

Podemos, finalmente, assinalar, que os filmes premiados da Argentina (e foram considerados de bom nível técnico-artístico), e do Brasil

(válidos em sua experimentação fotográfica e rítmica em linguagem de cinema), comprovaram possibilidades latentes. Se "Arena", de Daniel Pires Mateus, e "Documentalizando", de Gustavo Sosa Pujato, testemunham fielmente o estágio do atual cinema argentino, "Um Pedreiro", da jovem realizadora Daiz Peixoto, e "A Festa", de Luiz Alberto Inchausti, foram as obras brasileiras que refletiram um apreciável esforço artesanal. Mas a surpresa oportuníssima, fóra de concurso, foi a projeção de película intitulada "Death, be not Proud", realizada por uma equipe de estudantes latino-americanos e produzida nos Estados Unidos, que nos deu uma excelente lição como fazer uma pequena obra prima de cinema amador e contando-nos um tema atual, através de um único protagonista — um soldado perseguido pelo tiroteio e vencido pela solidão da morte inglória.

O Festival Bandeirante de Cinema Experimental Latino-Americano, realizado em São Paulo, foi um começo promissor, que desejamos fôsse repetido, numa dimensão mais elaborada em contactos e obtenção de filmes que sabemos são produzidos na maioria dos países da América Latina. ●

INDÚSTRIA DE PARAFUSOS MELFRA LTDA.

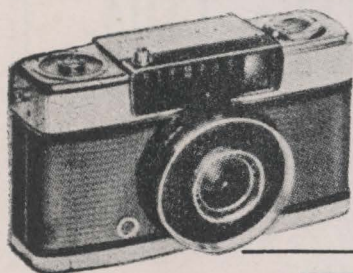
PARAFUSOS — PORCAS — REBITES

Em Ferro, Latão, Cobre e Alumínio

Rua Pôrto Alegre, 243 - Fone 92-3548 - Caixa Postal n.º 13.278 - Telegr. MELFRA



DOIS "BONS AMIGOS"

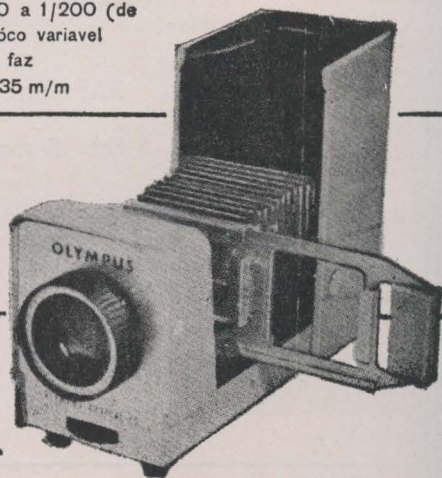


CAMARA **OLYMPUS Pen** "EES"

Objetiva D. Zuiko 1:2,8/30m/m totalmente automática - não há possibilidade de falhas - Com trava no obturador - Obturador 1/40 a 1/200 (de acordo com a intensidade de luz) foco variável (3 zonas) Controle manual optativo faz 72 fotos com um filme comum de 35 m/m

PROJETOR **OLYMPUS Pen**

Objetiva 1:2,8/55m/m
(grande angular) projeto fixo, especialmente concebido para dispositivos de 18x24m/m, e 35 m/m.



à venda nas
boas casas
do
ramo

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

TROPICAL LTDA.
CAIXA POSTAL 6660 - SÃO PAULO

O FESTIVAL DE SAN SEBASTIÁN

O CINEMA internacional está em crise e os festivais onde se exibem os filmes também estão. Há muitas coisas que não caminham bem na complexa organização do cinema comercial, e uma crise de ideais e de estrutura não era dificilmente previsível. E foi assim que durante o Festival de Cannes os problemas internos da França, a situação em Paris e também — é necessário dizê-lo, a atitude do Ministério dos Assuntos Culturais no caso Langlois, diretor da Cinemateca Francesa — provocou o encerramento, antes do tempo, do mencionado festival. Depois houve o escândalo de Pesaro o mais independente e anti-comercial dos festivais, com espetaculares intervenções da polícia italiana. Mal ou bem, o Festival de Berlim chegou ao fim.

Deste modo, foi num clima particular que o Festival Internacional de San Sebastián (um dos quatro grandes, com Berlim, Cannes e Veneza) anunciou a sua abertura.

Apesar das previsões, o Festival cumpriu o programa, com mais dois filmes que foram recebidos pelo diretor, Echarri, devido ao encerramento do Festival de Cannes. Do ponto de vista das projeções oficiais, a maior parte dos filmes tinham sido anunciados e selecionados muito antes de Cannes e não se pode falar de uma melhoria da seleção devida a esta causa.

Enquanto as organizações oficiais dos países participantes no Festival de San Sebastián possam impor os seus filmes, só será possível ver filmes incríveis e, de modo algum, dignos de serem apresentados num festival. É o caso da Itália, país que impõe, ano após ano, filmes comerciais de baixa qualidade e sem qualquer interesse. Houve exceções com a participação italiana, mas a maior parte das vezes, o mau andou ao lado do pior e assim vimos este ano *La Ragazza con la Pistola e Il Marito é Mio*.

Paradoxalmente, os países socialistas enviaram filmes muito interessantes, sem nunca decepcionar o público. Foi o que aconteceu com *Verano en Montaña*, filme húngaro de Pater Baoso, e *Dita Saxova*, do checoslovaco Antonin Moskalik, que receberam, em igualdade, o prêmio "Concha de Prata".

A "Concha de Ouro" foi atribuído ao filme britânico *The Long Day's Dying*, do realizador Peter Collinson, (autor de *Penthouse*) e que é uma obra muito discutível mas apaixonante.

O prêmio da interpretação masculina (ainda outro prêmio atribuído em igualdade a título de consolação), caiu nos braços de Sidney Poitier por *For Love of Ivy*, e Claude Rich, intérprete de *Je t'Aime, Je t'Aime*, o filme de Alain Resnais que era indiscutivelmente o melhor filme do festival, aquele que mais novidades tinha do ponto de vista de pesquisas no tempo. É um filme de que se deverá falar muito, obra excepcional, incompreendida do juri internacional e de boa parte da crítica.

O juri, presidido pelo Prêmio Nobel da Literatura, Miguel Angel Asturias, deu também um prêmio de interpretação feminina a Monica Vitti pela sua interpretação no filme italiano *La Ragazza con la Pistola*, esquecendo, assim, a forte personalidade e a emocionante descoberta da atriz russa Rimma Markova no filme soviético *Reino de Mujeres*, de Alexei Saltikov.

Um filme argentino insólito e muito difícil foi também esquecido na lista oficial, mas recebeu o "Prêmio Cinema Novo". Trata-se da obra *El Dependiente*, do jovem ator e realizador Leonardo Favio, que talvez possa ser considerado como a esperança mais positiva do cinema do seu país.

A proibição de exibir certos filmes que poderiam chocar os espectadores fez desaparecer as obras mais significativas do ciclo retrospectivo. Era consagrado ao cinema independente que se realiza nos Estados Unidos. Apesar desta proibição — que provocou lacunas nas projeções da manhã — o Festival Internacional de San Sebastián, na sua décima-quarta ma-

nifestação, deu-nos a possibilidade de ver em conjunto, durante vinte horas de projeção, curtas e longas metragens jamais apresentadas na Espanha e na Europa.

LUIS GASCA
(Da Espanha p/ FOTO-CINE)

O REALISMO DO CINEMA BRITÂNICO

Por Roger Manvell

É ACENTUADO o progresso do novo realismo nos filmes britânicos. Antes de mais nada, o realismo de um filme-chave como "Saturday Night and Sunday Morning", baseado num romance de Alan Sillitoe, esteve em marcada diferença com o antigo realismo dramático de após-guerra presente em filmes como "Brief Encounter", de David Lean, ou "Odd Man Out", de Carol Reed, ou ainda "Orders To Kill", de Anthony Asquith.

A MUDANÇA

Esses admiráveis filmes foram cuidadosamente "tramados" e apresentaram um equilíbrio justo de personagens interessantes e contrastantes, de um tipo que tanto os atores dos papéis principais como os coadjuvantes podiam desempenhar com real eficiência.

Apresentaram suas bem elaboradas histórias sobre o fundo de uma progressão artística de locais excelentemente escolhidos e cenários bem desenhados em estúdios. Eram filmes organizados com habilidade, seu realismo em grande parte uma questão da minuciosa verossimilhança que era dada à representação, à história e ao "background".

Embora "Room At The Top", de Jack Clayton, haja sido o primeiro filme do novo movimento a desafiar abertamente o censor, não mudou, na maior parte, a natureza desse realismo mais antigo, mais bem arrumado.

"Saturday Night and Sunday Morning" mudou-a. Atribuiu maior importância às situações, não ao enredo, e apresentou personagens da vida real, que saiam da tela em estado natural, sem qualquer das normais caracterizações requeridas para realçar o talento de astros e estrelas renomados.

Para Super 8 - Double 8
e Single 8
projetores

RAYNOX

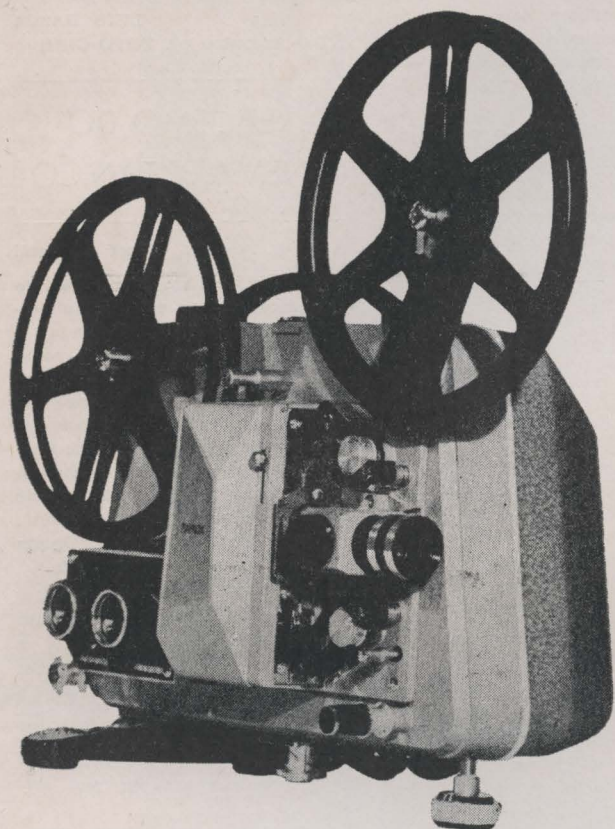
8mm

modelo DU-707

Permite projetar os filmes:
Standard-8 mm; Single-8 mm;
Super-8. Colocação do filme
automática. Projeta para fren-
te e para trás, permitindo pa-
rada de quadro. Velocidade
variável.

Objetiva Zoom — F: 1.4 —
20-32 mm. Lâmpada de baixa
voltagem 8 V — 50 W.

Possante ventilador, capacida-
de 400 pés — voltagem 110 a
240 volts.



Com um simples movimento manual v. poderá optar para
projetar o filme de 8 mm. comum ou o super-8.

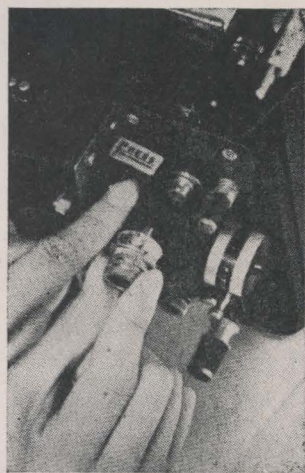
Possuimos também os modelos para filmes 8 mm. simples
e Super-8 isoladamente.

Representante exclusivo para o Brasil:

Material Fotográfico
Cinematográfico
Gravadores

Imprel

Importadora Comercial Ltda.



ESCRITÓRIO CENTRAL:

RUA URUGUAIANA, 55 - 6.º andar - Gr. 616/20

TELEFONES: 23 33-42, 43-1922 e 43-4341

RIO DE JANEIRO — GUANABARA

Enderêço Telegráfico: IMPREFOTO — GB.



RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 50 S/414

TELEFONE: 37-4314

SÃO PAULO — SÃO PAULO

Enderêço Telegráfico: FOTOIMPREL — SP.

AUTENTICIDADE

Na mesma época, a famosa peça de John Osborne "Look Back In Anger", que havia expressado o protesto da geração jovem contra convenções e valores sociais que ela não mais julgava válidos, chegou à tela numa versão dirigida por Tony Richardson, mas foi o êxito de "Saturday Night and Sunday Morning" que realmente ajudou as finanças para a produção de mais filmes que representavam esse novo realismo no cinema britânico.

Nesses filmes, com seus ambientes e locais predominantemente de classe trabalhadora situados principalmente no norte industrial da Inglaterra, os novos autores de romances e peças teatrais de êxito (Alan Sillitoe, Shelagh Delaney e David Storey, por exemplo) descobriram seu caminho para chegar à tela. Trabalho de tipo similar — e igualmente desafiador — começou a ser produzido na televisão.

Muitos desses novos filmes foram feitos quase inteiramente longe dos estúdios, e alguns diretores, sobretudo Tony Richardson, afirmaram que obtiveram muito mais autenticidade e clima filmando no interior de casas reais do que em reconstruções nos estúdios.

Mas os próprios estúdios abriram novos horizontes, e os fantásticos cenários e artimanhas criados para os filmes de James Bond (especialmente "Goldfinger" e "Thunderball") ou para "Dr. Strangelove", de Stanley Kubrick, e "Modesty Blaise", de Joseph Losey, mostraram que uma nova e imaginosa abordagem estava sendo adotada pelos desenhistas e pelo pessoal de efeitos especiais. (BNS).

RENOVAÇÃO DO CINEMA IUGOSLAVO

O CINEMA iugoslavo recebeu em 10 meses, no ano de 1967, mais prêmios de que nos últimos dez anos. Nomes como os de A. Petrovic, Purisa Djordjevic, Dusan Makavejev e muitos outros, tornam-se, dia a dia, mais famosos. O novo cinema iugoslavo afirma-se como realidade, desenvolvendo-se num processo que, embora tendo suas origens nos fins da década passada, somente nos dois últi-

mos anos se vem fazendo sentir em sua plenitude.

É preciso recordar que, enquanto os "curtos" iugoslavos conseguiram boa aceitação no exterior, com alto nível artístico, em particular no setor do desenho animado, em que era consagrada a chamada "Escola de Zagreb", e longametragem vegetava no convencionalismo, no romantismo e nas intermináveis crônicas de guerra.

O INÍCIO

Por volta de 1959/60, a "nouvele vague" francesa e os movimentos de vanguarda que começavam a florescer por toda a Europa, levaram os jovens cineastas iugoslavos, liderados por Aleksandar Petrovic, a tomarem consciência e a procurar em fugir da linguagem cinematográfica medíocre e superada, da temática estreita, então reinantes nos filmes iugoslavos.

Seus primeiros esforços não foram bem sucedidos. Num sistema rígido de produção, controlado por conselhos de produtores, havia muito pouca simpatia pelos "originais" jovens que pretendiam abandonar o seguro caminho da rotina. Eis porque Hladnik viu fracassarem todas as suas tentativas de fazer outros filmes, depois de ter dirigido "O Castelo de Areia", e "Os Dias", de Petrovic, foi alvo de violentas críticas.

Mas, com sua persistência, a nova geração terminaria por vencer, ocasionando uma completa reestruturação da produção cinematográfica; aboliu-se a hegemonia dos produtores, e os diretores, dantes algemados a um "repertório" a ser rodado, puderam, enfim, demonstrar sua capacidade criativa, e fazer seus filmes — aqueles que realmente desejavam fazer — sem julgamentos "a priori".

OS PRÊMIOS

Quando, há dois anos, Aleksandar Petrovic apresentou "Três" (primeiro prêmio em Karlovy Vary, tido como um dos 6 melhores filmes exibidos nos festivais de Nova York e Acapulco, e escolhido candidato ao "Oscar") a crítica e o público, na Iugoslávia e no estrangeiro, começaram a se convencer de que algo estava acontecendo com o cinema iugoslavo — algo de muito positivo.

A lista de prêmios obtidos a partir daí (dentre os mais recentes

citaremos os conquistados em Cannes e Moscou) veio confirmar essa impressão, mostrando que não se tratava de um filme, ou de um caso isolado, mas sim de todo um processo de renovação.

Nesse novo cinema iugoslavo, dois fenômenos logo se faziam sentir: a alta qualidade da produção e a receptividade do público. Com efeito, a ingenuidade e o primarismo, os "escorregões" que seriam de se tolerar, ou mesmo de se esperar, em obras de jovens realizadores — vários deles estreantes — raramente estão presentes. Muitos talentos, até então limitados pelas condições existentes, começaram a vir à luz. Por outro lado, os filmes nacionais começaram a atrair o público iugoslavo, permanecendo, por vezes, mais de um mês em cartaz — fato quase sem precedentes, ainda mais se considerarmos que muitos desses filmes poderiam ser incluídos na categoria dos chamados "filmes de arte", em cujo êxito de bilheteria poucos acreditavam.

O SUCESSO

O sucesso "em casa" e no exterior vem encorajando cada vez mais o cinema iugoslavo a libertar-se dos elementos que o vinham sufocando: a mentalidade tucanha, os preconceitos e a falsa convicção de que o importante era patentear, a todo o custo, o fundo social, mesmo em prejuízo de tudo o mais.

Os cineastas iugoslavos não têm hesitado em encarar de frente a realidade, em satirizar, denunciar erros e problemas, em abordar os mais variados temas; buscam ser eles próprios, e não imitar esse ou aquele diretor, nesse ou aquele movimento cinematográfico. Essa autenticidade de expressão reflete-se, no momento, na diversidade temática: não há "modelos" sendo seguidos, nem quanto à forma nem quanto ao conteúdo das obras.

Espera-se que, nos próximos 10 meses, cerca de 40 longas-metragens serão realizadas na Iugoslávia, o que constituirá um recorde absoluto na história da indústria cinematográfica do país. A julgar pelos resultados de até agora, e pelos nomes dos que dirigirão esses filmes, o cinema iugoslavo prepara-se para repetir, ou mesmo superar, em 1968, os êxitos do ano anterior. (Tanjug). ●

AS DEUSAS DO CINEMA

.. "The Celluloid Sacrifice", por Alexander Walker; volume de duzentas e quarenta e duas páginas, com ilustrações; edição de Michael Joseph.

Um estudo sobre as deusas da arte cinematográfica a partir da carreira trepidante de personalidades como Theda Bara, Clara Bow, Mary Pickford, Mae West, Marlene Dietrich, Greta Garbo, Elizabeth Taylor, Jean Harlow e Marilyn Monroe.

Envolvendo dados da história do cinema com uma interpretação psicológica do comportamento público e privado de tais vedetas, o autor analisa o apêlo exercido junto do público pela mitologia das estrelas. A natureza deste apêlo, as vítimas que provoca, o mecanismo publicitário que o fomenta junto de milhões de espectadores, a maneira como êle é fiscalizado pela censura na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos — com tôdas as frustrações que daí lhe advem — tal é a intenção de Alexandre Walker, que não se limita unicamente a dar uma visão subjetiva do papel que incumbe às vedetas na indústria cinematográfica.

Não deixando de apontar o fato de que um elemento essencial des-

ta indústria tem sido a valorização da sedução feminina, o autor salienta igualmente a importância que reveste aos seus olhos na produção de Hollywood, e também na dos estúdios italianos e britânicos, o tema das relações entre homens e mulheres — fulcro de uma parte considerável das películas produzidas nos Estados Unidos, Itália e Inglaterra onde a mulher ocupa um lugar de ascendência perante a sua vítima: o homem.

HISTÓRIA DO CINEMA BRITÂNICO

"The History of the British Film", de 1914 a 1918, por Rachael Low, editado por George Allen and Unwin, em Londres, com a colaboração do British Film Institute e British Film Academy; volume ilustrado de 336 páginas.

Este é o terceiro tomo de uma história geral do cinema mudo britânico empreendida por Rachael Low, e que fez parte de uma tese de Filosofia aceita na Universidade de Londres.

O presente volume cobre o período que se inicia no Verão de 1914 e vai até ao final de 1918, regis-

tando deste modo a contribuição dos realizadores britânicos para o esforço de guerra na luta contra a Alemanha.

Na sua análise do filme britânico do referido período, Rachael Low situa a evolução artística no correspondente contexto económico, ao mesmo tempo que acentua o elevado nível técnico da época, e que de resto sempre foi característica marcante da cinematografia britânica.

Oitenta ilustrações (muitas delas obtidas a partir de fotogramas dos próprios filmes) evocam um período que viu nascer, entre outros, filmes como "Jane Shore", de Bert Haldane e F. Martin Torrnton; "The Battle of the Somme", de Malins e McDowell; "The Great European War", de George Pearson, autor igualmente de "Kiddies in the Ruins"; "My Old Dutch", de Larry Trimble ou "The Avenging Hand", de Charles Calvert.

Uma seleção dos principais filmes produzidos no referido período, cerca de quinhentos títulos, numerosas informações sobre os métodos de produção nos diferentes estúdios em atividade no período de 1900 a 1920, completam este volume que descreve eloquentemente os primeiros tempos da cinematografia britânica.

VASCO GRANJA

**Valvulas para alta pressão
Forjaria de latão
Fundição de alumínio
Aspersores e conexões para irrigação**



Mecânica de Precisão "APIS" Ltda.

Rua Vergueiro, 3645 - (Vila Mariana)
Telefones 70-7708 e 71-1731

Caixa Postal, 12.995
End. Telegráfico "MEPRAPIS"
SÃO PAULO

80 ANOS DE FOTOGRAFIA

Alguém disse que se conselho valesse alguma coisa, não seria dado de graça. Mas para George Eastman, jovem empregado de um banco na cidade de Rochester, no Estado de Nova York, a sugestão gratuita de um amigo foi o impulso inicial para uma realização extraordinária: a criação, há 80 anos, da primeira câmara realmente portátil e de fácil manêjo, que haveria de popularizar a fotografia.

Até fins de 1870, George Eastman havia economizado de seu salário o suficiente para fazer uma viagem pelo Caribe. Um de seus amigos sugeriu, então, que Eastman levasse consigo um equipamento fotográfico para documentar seus passeios pelas ilhas tropicais.

NAQUELA ÉPOCA

Eastman, que nada sabia de fotografia, descobriu que o equipamento fotográfico era, na realidade, um incômodo carregamento, que incluía uma câmara volumosa, um tripé para sustentá-la, um sortimento de substâncias químicas e uma tenda à prova de luz. Para tirar fotografia, naquela época, era necessário ser contorcionista, químico e ter a resistência física de um atleta.

Eastman pensou que deveria haver um modo mais fácil de se obter fotografias. Abandonou seus planos de viagem e dedicou-se ao projeto de simplificar o processo fotográfico. Trabalhava no banco durante o dia e à noite estudava e fazia experiências na cozinha de sua casa.

Em 1880, Eastman começou a manufaturar chapas secas e logo abandonou seu cargo no banco. Quatro anos depois, lançou uma película flexível, feita de papel recoberto como uma emulsão gelatinosa.

A KODAK N.º 1

Em julho de 1888 — há 80 anos — Eastman lançou a câmara Kodak n.º 1.

Completamente diferente das incômodas câmaras da época, a Kodak era tão leve que se podia segurá-la com as mãos. Com ela, todos conseguiriam tirar fotografias.

A câmara vinha carregada com filme suficiente para obter fotografias circulares de seis centímetros de diâmetro. Feitas tôdas as exposições, o filme e a câmara eram remetidos à fábrica onde o filme era revelado e eram feitas as cópias.

Carregava-se então, novamente, a câmara, que era devolvida ao dono. O lema de Eastman era: **"Você aperta o botão, nós fazemos o resto"**.

Hoje em dia, as câmaras são ainda menores e de manêjo muito mais fácil. Há modelos que cobem na palma da mão. São carregadas num instante e, com os filmes modernos, pode-se tirar boas fotos a côres. Tudo derivado da primeira semente lançada há 80 anos: a Câmara Kodak n.º 1. Ou do conselho gratuito de um amigo.



FUNDAÇÃO DE BRONZE, ALUMÍNIO E OUTROS METAIS NÃO FERROSOS

Trabalhos nas Normas

**S A E
D I N
A S T M**

Executa-se com perfeição qualquer trabalho pertencente ao ramo.

FUNDAÇÃO CENTRÍFUGA
E AREIAS ESPECIAIS.

ESTOQUE DE BUCHAS E TARUGOS
EM BRONZE COMUM E FOSFOROSO

DANTE PAPERETTI

Rua Agostinho Gomes, 437-439
IPIRANGA

Tel.: 63-1679
SÃO PAULO

Salão Internacional da FOTO-ARTE

Comemorativo do 10.º aniversário da revista especializada Foto-

arte, realizou-se o Salão Internacional Fotoarte, paralelo ao II Congresso Nacional e II Salão de Material Ótico-Fotográfico, Cinematográfico e Áudio Visual, promovidos pela Associação Brasileira de Comércio e Indústria de Material Ótico, Fotográfico e Cinematográfico, da Guanabara.

O ato inaugural contou com a presença de autoridades e figuras destacadas da fotografia, como o presidente e o diretor fotográfico da CBFC; respectivamente Eduardo Salvatore e Gunther H. Luderer. Esta entidade fez-se representar por uma coleção de cerca de 60 trabalhos, fornecidos pelos seguintes clubes filiados:



Exija os
produtos EDICT
para melhores

- FOTOGRAFIAS
- RADIOGRAFIAS
- ARTES GRÁFICAS

REVELADORES - FIXADORES

e demais preparados
químicos

à venda nas boas casas do ramo

FOTOQUÍMICA "EDICT" LTDA.

Rua Homem de Melo, 654 — Fone: 62-0092

FOTO-CINE

isto é

Single-8

nôvo e revolucionário sistema de cinematografia em 8 mm!

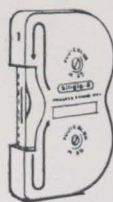
AGORA V. também pode ser um ótimo cineasta amador, obtendo resultados surpreendentes, graças a este NÓVO processo que oferece:

FACILIDADE
de colocação
do filme; em
um segundo
V. carrega
o filmador,
mesmo sob
e luz do sol.

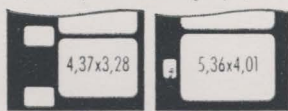


COMODIDADE

o magazine permite
filmagem contínua de
todo o comprimento
do filme, 50 pés. (não
precisa inverter a
posição do carretel
e permite usar
alternadamente
2 ou mais filmes).



RESULTADO — como o quadro do filme
é 50% maior do que o clássico 8 mm., V.
obtem mais brilho e melhor nitidez, com ex-
cepcional qualidade da imagem projetada.

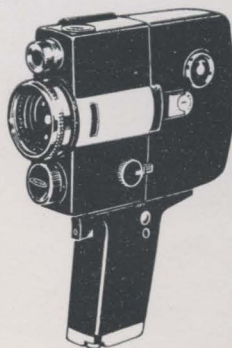


Clássico 8 mm.

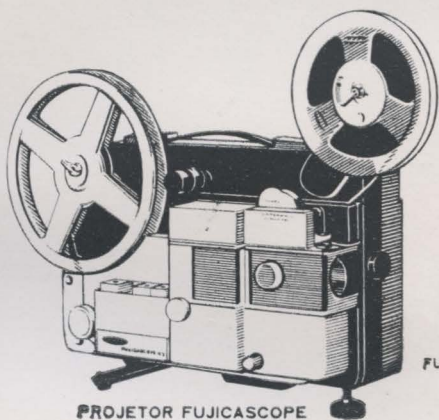
"SINGLE 8"



FUJICA SINGLE 8 P-1



FUJICA SINGLE 8 Z-1



PROJETOR FUJICASCOPE



FUJICHROME R-25

FUJIPAN R-50

FUJIPAN R-200



Conheça nossa linha completa:

FILMES, PAPÉIS E PRODUTOS QUÍMICOS PARA FOTOGRAFIA • FILMES CINEMATOGRAFICOS E PARA T.V. • FILMES PARA FOTOLITO • FILMES PARA RAIOS-X • FILMES E EQUIPAMENTOS PARA MICROFILMAGEM • APARELHOS E EQUIPAMENTOS FOTOGRAFICOS • CÂMARAS E LENTES FOTOGRAFICAS • BINÓCULOS • APARELHOS PARA FOTOCÓPIA • FITAS PARA GRAVAÇÃO

FUJI PHOTO FILM DO BRASIL LTDA.

RUA MAJOR DIOGO, 128 - FONE 35-8492 - SÃO PAULO

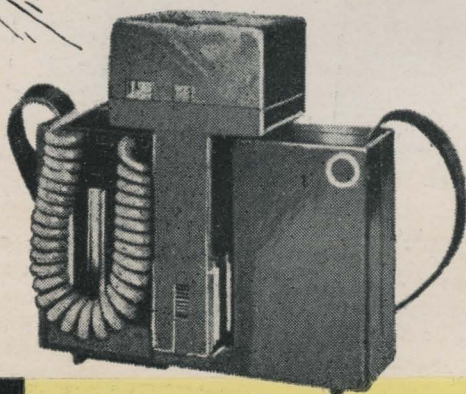
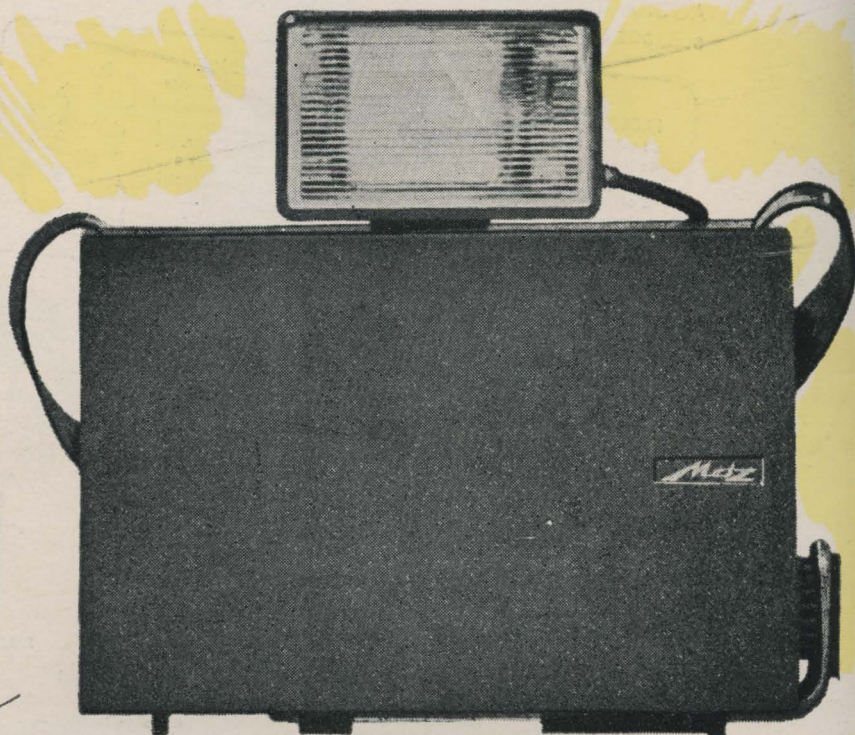
FUJI FILM



O **FLASH ELETRÔNICO** mais cobiçado pelos profissionais e amadores adiantados

502

Mais compacto, luxuoso e fino acabamento, bateria de 6 volts, que permite 200 disparos com carga total (135 watts), e 400 disparos com meia carga (70 watts). Intervalo entre os disparos: 3 a 5 segundos. Ângulo de iluminação 65° grande angular.



502-NC

Mesmas características que o 502, porém funciona com bateria de nickel-cadmium, de durabilidade indeterminada e de máxima e completa eficiência.

À venda nas boas casas do ramo

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

TROPICAL LTDA.

CX. POSTAL, 6660 - S. PAULO